

# REVISTA MILITAR

Administração — Largo da Anunciada, 9 — Lisboa

N.º 2

Fevereiro de 1920

Ano LXXII

Director, proprietario e editor — Empresa da *Revista Militar*  
Composição e impressão na TIPOGRAFIA DA EMPRESA DIARIO DE NOTICIAS  
Rua do Diario de Noticias, 78 — Lisboa

## LIÇÕES DA GRANDE GUERRA

### III

(Continuação)

#### **O automobilismo na celebre «corrida» dos exercitos para o Norte**

O exercito alemão, retirando em bôa ordem do Marne, alcançou em 15 de setembro a linha do Aisne, a N. da qual se estabeleceu, fortalecendo-se com formidaveis organizações defensivas, cuja resistencia foi aumentada por efeito dos importantes reforços acorridos da retaguarda, acompanhados dum consideravel reaprovisionamento de munições, cuja falta se estava tornando sensivel.

De momento, a ruptura da frente teutonica era impraticavel ao exercito anglo-francês, o qual, não obstante a força moral adquirida pela importante vitoria do Marne, carecia de reconstituir com elementos novos algumas das suas unidades, bastante maltratadas no decurso de aquella gigantesca luta de cinco dias.

Os combates estabilizaram-se por algum tempo na linha do Aisne, mas os aliados recorrendo em breve à *manobra* ou *guerra de movimentos*, levaram forças importantes sobre o flanco direito do adversario, o qual procurando, por seu turno, evitar o envolvimento, deu lugar à famosa *corrida* para o Norte, em direcção a Dunkerque.

Primeiramente, os alemães concentraram fortes massas de tropas no Somme, a N. do Nesle e de Roye, mas o exercito de Castelnaud, chamado da Alsacia, acorreu prestamente

à região de Beauvais, barrando o caminho de Paris a qualquer nova tentativa dos alemães por esse lado,

As reservas alemãs afluíam constantemente à frente de batalha, que se ia estendendo cada vez mais para o Norte.

Efectivos consideráveis chegaram pelas linhas ferreas no fim de setembro à região de Arras, mas o 10.º exercito francês do comando de Maudhui, transportado também em caminho de ferro e em viaturas automoveis, apareceu a tempo de evitar o envolvimento da linha dos aliados.

O generalissimo Joffre, em vista da enorme extensão da linha de batalha, nomeou em 4 de outubro o general Foch adjunto ao comando em chefe, ficando especialmente encarregado de coordenar as operações do grupo de exercitos do Norte.

No desempenho deste importante cargo, Foch desenvolveu uma actividade e uma pericia militar inegaláveis.

Percorrendo rapidamente a linha francesa até à região de Lens, conferenciou com os comandantes de exercitos e do grupo de divisões territoriais, e, uma vez orientado da situação, instalou o seu quartel general em Doullens.

Compreendendo rapidamente que os alemães, desistindo de tentar a ruptura da linha, procuravam agora ultrapassar o flanco esquerdo dos aliados para os envolver, barrando-lhes o caminho para Calais e Dunkerque, tratou desde logo de frustrar os projectos do adversario, facilmente penetrados pela sagacidade do general francês.

O transporte para a região de Lille dos quatro corpos do exercito de French, que quiz aproximar-se das suas bases marítimas, fez retardar um pouco a execução das medidas concebidas por Foch.

As linhas ferreas não proporcionavam o necessario rendimento para o transportes de tôdas as forças e do respectivo material.

Indispensavel se tornou, pois, recorrer aos comboios automoveis com cujo emprêgo se conseguiu muitas vezes salvar a situação quasi desesperada das tropas aliadas e conter em respeito as formidáveis massas alemãs.

Para bem se aquilatar a importancia dos serviços prestados pelo automobilismo no decurso das operações militares da ultima guerra será mister fazer a rememoração de alguns

casos, em que esse meio de tracção mecânica exerceu um papel, por vezes preponderante, no resultado das batalhas ou na decisão de combates importantes.

Após a rendição de Anvers, ocorrida em 9 de outubro, o exercito alemão que investira aquela gigantesca fortaleza belga avançou na direcção Gand-Ypres, perseguindo os restos do exercito belga em retirada para a linha do Yser.

Uma divisão inglêsa desembarcada em Ostende foi ocupar Ypres, onde algumas unidades francêsas haviam executado activamente diversos trabalhos de fortificação improvisada.

Só no dia 17 de outubro chegaram à região Lille-La Basée os quatros corpos do exercito inglêso comandados por French.

A N. de Arras, a parte mais fraca da extensa linha de batalha era, indubitavelmente, o sector Ypres-Dixmude.

O pequeno exercito belga tomára posições nesse sector, atrás do rio Yser, apoiado por algumas unidades francêsas e inglêsas.

Na idéa preconcebida de desbaratar por completo os troços de belgas fugidos de Anvers, o exercito alemão atacou furiosamente com forças superiores a linha do Yser, sacrificando inutilmente muitos milhares de vidas desde 13 a 19 de outubro.

O general Urbal é nomeado comandante das tropas francêsas enviadas em socorro dos belgas para evitar qualquer desastre no flanco esquerdo da extensa linha de batalha.

Desenvolveu-se uma actividade febril na expedição de sucessivos reforços para o sector Ypres-Dixmude.

Noute e dia, comboios, automoveis, camions de todos os modelos serpenteiam à retaguarda da linha de fogo, desembarcando tropas, material de guerra e munições nos pontos em que a sua intervenção se tornava mais urgente.

Só o espirito esclarecido e previdente de Foch, a sua grande competencia profissional, acompanhada de uma extraordinaria actividade e superior força de vontade, é que poderiam com as suas engenhosas combinações fazer face ao vendaval teutonico, furiosamente desencadeado no Iser e em Ypres.

Unidades de infantaria e de artilharia desembarcando dos comboios durante a noute seguiam logo em camions para

os locais em que a luta era mais renhida, conseguindo obstar à continuação dos progressos realizados pelo inimigo.

Desta forma foram transportados para a região Ypres-Furnes, além de material variado, os 9.º, 15.º e 32.º corpos do exercito francês.

Nos dias 20 e 21 de outubro foi terrível a crise em Dixmude, quasi destruída pelos projecteis da grossa artilharia do inimigo.

A frente belga, fortemente abalada, cede terreno, perdendo Keyem e Beerst, sendo as últimas reservas chamadas à linha de fogo.

Pensa-se na retirada para Dunkerque, mas Foch avisado pelo telefone acorre ao lugar do perigo com a 42.ª divisão, que contra-atacando o inimigo restabelece o equilíbrio da luta.

Foch apresenta a idéa de inundar o país, como se fizera em outras épocas, e, reconcentrando à retaguarda as tropas aliadas, salva a situação.

A partir de 26 de outubro, a planície a E. do Yser, as trincheiras e as baterias alemãs, tudo desaparece sob uma grande vaga de água.

Os alemães não desistem, porém; levam as suas forças a outros pontos da linha onde a inundação não chegára.

Apoderando-se no dia 31 de Gheluvelt, ameaçam logo Hooge.

São ainda os automoveis que completando o serviço das linhas ferreas conduzem ao campo da luta os 16.º e 32.º corpos de exercitos para deter o avanço alemão.

No dia 3 de novembro desencadeia-se um furioso ataque sôbre Ypres.

Acode sem demora o 20.º corpo francês, conduzido em camions, e os alemães são mais uma vez repelidos.

Mas breve voltam à carga, travando-se noite e dia uma luta encarniçada, violenta, com alternativas diversas, em que as posições disputadas são perdidas e recuperadas uma e mais vezes.

O 16.º corpo francês obrando prodigios de valor contem em respeito o XXVI corpo alemão, que ataca vivamente o saliente de Ypres pela frente e de revés.

Foi ainda o automobilismo que salvou a situação.

A 22.<sup>a</sup> brigada francesa chegou a tempo e, apoiada por dois corpos de cavalaria fez retroceder o inimigo.

O marechal de Saxe, Frederico II e Napoleão faziam a guerra contando com as pernas dos seus soldados para obterem a rapidez nas marchas.

O general Foch, dotado de um espirito de previsão e de um golpe de vista admiráveis, soube aproveitar com rara habilidade e pela maneira a mais judiciosa os meios rapidos de transporte que a civilização hodierna lhe facultava.

E assim conseguiu ele, no outono de 1914, frustrar vitoriosamente as violentas tentativas de onze corpos de exercito alemães, providos de grossa artilharia, para aniquilar ou envolver o flanco esquerdo dos aliados e alcançar Calais, no intuito visível de impedirem ou dificultarem o desembarque de novos reforços ingleses.

O prestigioso general francês assegurou assim por uma forma brilhante e definitiva os resultados da primeira vitoria do Marne.

### **A acção do automobilismo na campanha da Galicia em 1915**

Muitos e frisantes exemplos se poderiam apresentar comprovando o importantissimo papel desempenhado pelo automobilismo no decurso da maior conflagração que tem convulsionado a humanidade, mas, como a indole dêste estudo não nos permite dar maior desenvolvimento a investigações historicas dessa natureza, limitar-nos-hemos a acentuar o vantajoso partido que do automobilismo se tirou, já para o reforço de tropas em situação crítica ou desesperada, já para completar os resultados de uma vitoria assinalada, empregando automoveis e camions blindados na perseguição activa do adversario em retirada.

Sob êste último ponto de vista depara-se-nos como um dos exemplos mais frisantes o emprêgo que do automobilismo fez o general alemão von Mackansen em maio de 1915, depois de haver conseguido em Dunajec a ruptura da linha de batalha do grande exercito russo, comandado pelo grande duque Nicolau.

Este general havia cometido o grave erro de iniciar as operações da Galicia na época do desgêlo.

Perto de três milhões de homens, tendo como objectivos Buda-Pesth e Vienna, apoderaram-se de Przemysl e irromperam pelos Carpathos em direcção à capital da Hungria.

O governo austriaco apelou para a Alemanha, que lhe enviou perto de um milhão de soldados.

Procedendo com rara perícia os generais Hindemburgo e Mackensen deixaram enfraquecer e desmoralizar o exército russo com uma habil guerra de montanhas nos Carpathos, cobertos de neve em desgêlo, o que dificultava extremamente as operações do exército invasor.

Os austro-alemães preparavam uma formidavel contra-offensiva nos Carpathos, mas para atrair a atenção do estado maior russo para outro ponto, onde fizesse convergir os seus reforços, Hindemburgo movimentou as suas tropas na Lithuania e na Curlandia e executou um golpe de mão ousado sobre a cidade marítima de Libau com o auxilio de uma esquadra alemã.

Mercê desta diversão estrategica, irrompeu com grande felicidade e exito a poderosa contra-offensiva austro-alemã, empreendida por 1:600:000 homens divididos por quatro exércitos, superiormente dirigidos pelo habil general Mackensen.

As fases principais desta contra-offensiva foram definidas pelas sanguinolentas batalhas de Dunajec, Wislok, San, Przemysl, Dniester, Stry e Lemberg, que reverteram em assinalados triunfos para os austro-alemães.

Na batalha de Dunajec, logo que se generalizou a debandada da frente rota pelos alemães, Mackansen fez lançar em perseguição activa dos russos milhares de automoveis e de camions blindados com infantaria e metralhadoras, seguidos depois por densas massas de cavalaria e de metralhadoras a cavalo.

A perseguição por esta forma executada proporcionou os mais completos resultados, calculando-se em número superior a 200:000 os prisioneiros feitos nos dias imediatos a esta sanguinolenta jornada, em que os austro-alemães seguiram o inimigo com a *espada nos rins*, segundo a expressão consagrada.

Os Carpathos foram um verdadeiro cemiterio para os russos, que ali deixaram a elite das suas tropas, tendo de abandonar toda a Galicia até à margem E. do rio Strip, calculando-se que em menos de quatro meses de campanha, o formidável exército do gran-duque Nicolau havia perdido a metade do seu efectivo em mortos, feridos e prisioneiros.

Os resultados da campanha da Galicia facilitaram o prosseguimento das operações na Polonia e na Curlandia, caíndo sucessivamente em poder dos exércitos imperiais as cidades de Plock, Ostrolenka, Varsovia, Ossoviéc, Kowno, Mitau, Vilna, Minsk, Brest-Litovsk e outras que lhes asseguraram a posse das linhas ferreas de Varsovia-Vilna, Varsovia-Lublin-Kovel, Brest-Litovsk-Minsk, de reconhecida importancia strategica.

Desta rápida exposição ressalta por forma frisante o valioso auxilio e importante concurso que o automobilismo prestou na campanha da Galicia, completando o triunfo dos imperiais em Dunajec e facilitando o desenvolvimento das operações subseqüentes no teatro oriental da guerra.

### **O automobilismo na defesa de Verdun**

O brusco ataque ao campo intrincheirado de Verdun, iniciado em 21 de fevereiro de 1916 com formidáveis meios de acção tactica, 17 divisões, veio proporcionar o ensejo de evidenciar mais uma vez a importancia dos serviços que podem ser prestados pelo automobilismo em campanha.

Depois de um contínuo e infernal bombardeamento em que, durante cinco dias, a artilharia de grosso calibre teve a proeminencia, todas as defesas do lado Norte do campo intrincheirado ficaram literalmente destruidas, permitindo o avanço de numerosas colunas de ataque que conseguiram apoderar-se das povoações fortificadas de Wavrille, Alannes, Consenvoye, Brabant, Samogneux, Haumont, Herbevois, Ornes e Beaumont, aprisionando uns 18:000 franceses e apreendendo numerosos canhões e metralhadoras.

As tropas de Braudeburgo lançadas para a frente tomaram de assalto na manhã de 26 o forte de Douaumont, que encontraram abundantemente apovisionado e provido de

canhões, metralhadoras e espingardas, com enorme quantidade de munições.

Ali se sustentaram rechaçando intrepidamente os retornos ofensivos e os sucessivos assaltos executados pela *élite* da infantaria francesa.

Para assegurar definitivamente a posse do forte, tão vivamente disputada, era mister ocupar militarmente tôdas as alturas e a povoação, que constituíam as denominadas povoações de Douaumont.

Esta ardua empreza, foi cometida a um dos corpos da guarda prussiana, que a desempenhou com notavel valentia, depois da preparação feita pelos canhões da grossa artilharia.

Nos dias seguintes prosseguiu o desenvolvimento das enormes massas alemãs, que apoiando o seu flanco direito nas alturas de Poivre, sôbre a margem direita do Moza, estenderam a sua frente de ataque para Leste, de forma a ameaçar os fortes de Vaux, Damloup, Tavannes, Souville, Fix e Rozellin, numa extensão de 35 quilometros, dispondo à retaguarda duma grande zona de manobra, que compreendia os planaltos de Woevre, justamente considerados uma posição vantajosa, na previsão de uma batalha em que os franceses desenvolvessem para esse lado forças importantes.

A linha de ataque alemã tendia sempre a prolongar a sua ala esquerda além de Marcheville, na direção S., cortando a estrada que de Metz conduz a Paris.

Em presença de tão extraordinario desenvolvimento de forças, com poderosos meios de ataque, em que se compreendiam canhões de grosso calibre em quantidade avultada, juntamente com outros de menor alcance, além de consideravel número de metralhadoras, os franceses careciam de levar com urgencia importantes reforços a Verdun.

Mas a grande linha ferrea Paris-Chalons-Bar-le-Duc-Commercy-Verdun não pôde ser utilizada com confiança em toda a sua extensão, pois que fortes destacamentos alemães a ameaçavam já do lado de S.<sup>t</sup> Mihiel.

Indispensavel se tornava, pois, utilizar uma estrada que a providencia do governador militar fizera construir mêses antes ligando, a S., Verdun com a linha ferrea.

Ficou assim, providencialmente, garantido o emprego do automobilismo para o transporte de tropas francesas a refor-

çar os valentes defensores do campo intrincheirado de Verdun.

Primeiro, o corpo de exercito do prestigioso general Petain e seguidamente outras tropas de elite foram, por este meio, transportadas para Verdun.

Um bem montado serviço de comboios automoveis conduzia ininterruptamente para aquela invicta praça de guerra, formidavel baluarte defensivo da França, numerosas tropas e consideraveis reservas de material de guerra e munições.

Os defensores sobreviventes de Verdun podem atestar por forma exuberante a importancia do concurso prestado pelo automobilismo militar para a eficaz defesa do campo intrincheirado, em que a heroicidade francesa habilmente aproveitada e dirigida por generais prestigiosos da plana de Petain, Nivelles e Mangin, conseguiu recuperar os fortes de Vaux e de Douaumont e rechaçar vitoriosamente as vigorosas investidas do exercito do Kromprinz, constituido pelas mais experimentadas tropas de toda Alemanha.

### **Emprego de automoveis blindados na campanha da Rumania**

A campanha da Rumania proporciona-nos tambem um exemplo frisante do emprego dos automoveis blindados com os mais lisongeiros resultados.

Foi em 27 de agosto de 1916 que a Rumania sugestionada pela «Entente e propelida pela Russia, que lhe garantia todo o apoio material do seu exercito, declarou a guerra á Austro-Hungria.

Dominada pela idea absorvente de se apoderar desde logo da Transilvania e calculando não poder ser atacada pelo lado do Danubio, em cuja margem direita possuia, mercê dos tratados de 1879 e 1913, as praças fortes de Silistria, Tutra-kan e Dobric, a Rumania dirigiu a massa principal das suas forças sobre a Transilvania, que invadiu com facilidade vencendo a debil resistencia das fracas forças húngaras defendendo a linha da fronteira.

O grande estado maior alemão, para mais facilmente vencer o novo inimigo, elaborou um plano de campanha, segun-

o qual os rumenos seriam obrigados a combater em duas frentes opostas.

Assim, em quanto o general Falkenhein com um exercito austro-alemão operava pelo N. da Rumania, procurando cortar as comunicações do exercito inimigo com o seu país, o general Mackansen com tropas alemãs, bulgaras e turcas procurava atravessar o Danubio atacando a Rumania pelo Sul.

Um exercito russo estava em marcha para a Dobrudja, a fim de impedir qualquer tentativa de Mackansen sobre o grande rio balkanico.

Este experimentado general procedeu desde logo com a sua costumada habilidade, sem perder tempo.

A exploração estrategica feita pelos aviadores fornecera valiosos esclarecimentos sobre as fortificações, concentração das tropas e das esquadrilhas que no Danubio possuíam os rumenos.

O serviço da espionagem completara as informações obtidas.

Declarada a guerra entre a Rumania e a Bulgaria, Mackansen passou no dia 2 de setembro a fronteira rumena da Dobrudja, conseguindo a ala esquerda do seu exercito conquistar no dia 6 a importante praça forte de Tutrakan, aprisionando 25:000 rumenos e apreendendo-lhes uns 100 canhões.

Por seu turno, um exercito russo-rumeno atacou a ala direita de Mackansen, que o repeliu, chegando a cavalaria bulgara ás proximidades do Mar Negro, por onde se abasteciam os russos.

No dia 10, a ala esquerda de Mackansen apodera-se da praça de Silistria, o que produziu grande alarme na Rumania, dando em resultado a chamada para a Dobrudja de importantes forças rumenas que operavam na Transilvania.

Procurava-se obstar a todo o transe aos progressos do exercito de Mackansen, evitando que ele transpusesse o Danubio.

Nesse intuito vieram mais tropas russas que de acôrdo com as rumenas trataram de assegurar a posse da região do litoral do Mar Negro por onde chegavam novos reforços, munições e subsistencias ao porto de Constanza, seguindo pela via ferrea em direcção a Cernavoda e a Bucarest.

Aliviado da pressão duma parte importante das tropas

rumenas, o general Falkenhein prosseguiu mais desafogadamente as operações na Transilvania, sendo o 1.º exercito rumeno desbaratado na celebre batalha de Hermannstadt (24 a 27 de setembro).

Avançando depois até Kronstadt (Brassó), Falkenhein ataca vigorosamente o 2.º exercito rumeno em 7 de outubro, sustentando vitoriosos combates até 12, em que conseguiu expulsar os rumenos da Transilvania, fazendo grande numero de prisioneiros e penetrando em seguida na Valachia, provincia rumena.

A este tempo havia o estado maior rumeno feito transportar um nucleo importante de tropas da Dobrudja em direcção á fronteira da Transilvania.

O marechal Mackansen aproveitou então a oportunidade de executar uma marcha rapida sobre Constanza e seguidamente sobre Cernavoda, apoderando-se assim da principal linha de comunicação de Bucarest com o mar Negro (25 de outubro).

Foi tal o pavôr produzido no estado maior rumeno por esta rapida operação de Mackansen, que fez voltar novamente á Dobrudja os reforças enviados á fronteira da Transilvania, reforços que nunca chegavam a tempo para ser proficuamente utilizados.

Proporcionou-se então a Falkenhein o ensejo de progredir pela Valachia na direcção de Bucarest.

Chamada a atenção do estado maior rumeno sobre a região Cernavoda-Constanza, ocupada pela ala direita do exercito de Mackansen, este eminente e sagaz cabo de guerra fez executar com notavel habilidade á sua ala esquerda a passagem do Danubio em Sistova.

Esta arriscada e audaciosissima operação militar facilitando a ligação dos exercitos de Mackansen e Falkenhein perturbou por completo o estado maior rumeno, que mais uma vez retirou forças da Dobrudja para cobrir a capital, mas sem resultado, porque no dia 6 de dezembro de 1916 Bucarest caía em poder dos exercitos invasores, então reunidos sob o comando superior do marechal Mackansen.

A côrte e o governo rumeno fugiram para Jassi e os exercitos imperiaes seguiram de perto o exercito em retirada até á margem direita do rio Sereth.

Foi no decurso destas interessantes e instrutivas operações militares que se reconheceu com mais perfeito conhecimento

de causa a importancia dos automoveis blindados, quando dirigidos por oficiais peritos e áudazes.

Havendo forçado o desfiladeiro de Szurduk, um automovel blindado avançou até Vadeni, afugentando com os tiros das suas metralhadoras as patrulhas inimigas.

Surpreendeu em seguida um batalhão em marcha e tão rápida e certamente dirigiu o fogo das suas metralhadoras sobre esta unidade que em poucos minutos pôs fóra de combate 450 homens, sendo 300 mortos.

Atravessou em seguida uma povoação atacando de flanco as tropas que se ocupavam em trabalhos de fortificação, pondo-as em completa debandada.

Na linha ferrea Orsova-Filianú, um automovel blindado, ultrapassando em bastantes kilometros a frente da marcha do exercito alemão, conseguiu, proximo de Stralia, estabelecer a maior perturbação entre o inimigo, cujos movimentos se tornaram indecisos na persuasão de que o exercito invasor estava mais proximo. Depois de lançar mão dos proprios sinais da linha ferrea, o automovel blindado aprisionou um automovel rumeno.

A N. de Rosiori de Vede outra audaciosa excursão de reconhecimento foi levada a efeito por um automovel blindado.

As tropas rumenas embarcaram em Renez, pequena aldeia situada ao norte daquela cidade.

Á chegada do automovel, a população, julgando ser um veiculo russo, dispensou as maiores atenções á guarnição, chegando a lançar ramos de flores sobre o automovel.

Naquele momento três locomotivas entraram na gare da estação. O automovel rompe imediatamente o fogo sobre elas com as suas metralhadoras; e, enquanto os populares fogem apavorados, as locomotivas com as caldeiras perfuradas procuram salvar-se, mas o automovel vigiando-lhes os movimentos corre a toda a velocidade, passando-lhes adiante, conseguindo dete-las, não podendo ser utilizadas para o transporte das tropas rumenas.

Da rápida exposição destes emocionantes episodios ocorridos no teatro oriental da guerra se pode inferir o grau de importancia dos serviços que os automoveis blindados chegaram a atingir nas operações da grande guerra de 1914-1918.

(Continúa).

ADRIANO BEÇA

General

## Os precedentes da grande guerra no direito marítimo

### II — Contrabando de guerra

Uma restrição à liberdade de commercio dos neutros, há muito tempo consignada no direito internacional e reconhecida por todos os escritores, é a que se refere ao contrabando de guerra. Bloqueio e contrabando são as formulas de que se servem as potencias beligerantes para coagir o inimigo e indirectamente os neutros, actuando sôbre aquilo que mais afecta uns e outros, as suas fontes de riqueza; e como são assim postos em jogo os interesses de terceiros, é por este motivo que de longa data se tem pretendido regulamentar o exercício daqueles direitos, que quando são efectivados normal e justamente constituem incontestavel garantia para os beligrantes, mas que quando assumem na applicação limites excessivamente amplos representam insuportavel violencia e flagrantissimo atentado contra os neutros e contra a sua propriedade privada. Ora, se relativamente ao bloqueio alguma cousa se tinha conseguido já há alguns anos, quanto ao contrabando de guerra a evolução tinha sido muito mais lenta e os resultados obtidos sensivelmente mais precarios, não obstante o muito que se tem escrito sôbre o assunto e as tendencias fortemente acentuadas da maioria dos modernos publicistas para dar à doutrina do contrabando de guerra uma orientação mais liberal. Assim, verifica-se que emquanto no campo doutrinal a questão vem a ser discutida há mais de tres seculos com grande largueza de vistas, na esfera do direito positivo escrito pouco, muito pouco mesmo, se tem avançado.

A discussão desde afastados seculos travada entre as na-

ções marítimas a proposito da liberdade do mar, pode-se considerar actualmente circunscrita ao bloqueio e ao contrabando de guerra. Como é sabido, não foi, porém, sempre assim. O domínio absoluto do mar era antigamente a formula preferida pelos povos que alimentavam aspirações de engrandecimento e a que não faltavam elementos para as efectuar. Foi o que fizeram a Inglaterra, os países do Norte, as republicas italianas e nós mesmos, enquanto tivemos força para impor a nossa opinião. Tornaram-se celebres as lutas sustentadas pelas diversas republicas da Italia para contestarem aos seus vizinhos o direito de navegarem no Adriatico; analoga concepção deu origem ao tratado de Tordesillas entre Portugal e a Espanha, dividindo o mar entre os dois países, com assentimento do Papa Alexandre VI.

Sob a influencia dêste critério todo o commercio marítimo era proibido nas águas em que as diferentes nações se arrogavam jurisdição. No período glorioso das conquistas assim procedeu Portugal, sustentando o direito de impedir aos outros a navegação nos mares cujo domínio, absoluto e completo, reputava o seu.

Não havia, portanto, qualquer limitação ao exercicio do direito de captura e a noção do contrabando de guerra tornava-se desnecessária; não se distinguia entre tempo de paz e tempo de guerra, entre neutros e beligerantes, entre commercio licito e illicito; tudo era formalmente proibido aos outros com o fundamento de lhes ser contestado o direito de navegar e commerciar nas águas que eram apanagio da corôa de Portugal. É curioso constatar todavia que, não obstante a rudeza dos processos empregados neste período de feroz despotismo marítimo, não se chegava até ao ponto de ignorar certas formulas internacionais que actualmente são consideradas como indice do alto grau de progresso e civilização alcançado nos nossos dias.

Nas capitulações do assento de pazes entre El-rei D. João I, de Portugal e El-rei D. João I, de Castela, ficaram consignados os princípios de imunidade das águas territoriais, do respeito por certos direitos da neutralidade e o da bandeira cobrir a mercadoria<sup>1</sup>.

<sup>1</sup> Higino de Mendonça, «Presas e escravatura», pag.ª 9 e seg.

Mas não foi, contudo, sem protesto que os diferentes povos exerceram o domínio do mar, originando-se, assim, uma interessante controversia que atingiu o ponto culminante quando, no seculo XVII, Grocio por um lado, e pelo outro o nosso Serafim de Freitas e o inglês Selden defenderam com o mais levantado critério as opostas teorias do *Mare liberum* e do *Mare clausum*. As obras destes escritores fizeram escola e geraram duas correntes de opinião, uma fazendo a apologia da liberdade do mar, outra a do seu domínio. A discussão prolongou-se até ao fim do seculo XVIII com o triunfo final, no campo da teoria, dos princípios da escola de Grocio. Na pratica, o que se tem efectivamente alcançado é ir suavizando os processos empregados sem nunca conseguir a almejada liberdade, porque a isso se tem oposto os interesses do primeiro entre os países marítimos que, herdeiro da tradição dos que anteriormente possuíram o premiado do mar, não se resolve a abandonar os privilegios que tem usufruido.

A disputa entre os publicistas acerca do problema fundamental da liberdade dos mares não foi esteril, porque ao mesmo tempo que prosseguia aquela discussão, iam-se acumulando os materiais que constituiram mais tarde os alicerces do moderno direito internacional marítimo. A Grocio, a quem compete a gloria de ser o fundador da teoria que veio a prevalecer na questão da liberdade dos mares, cabe também a honra de ter lançado os fundamentos da doutrina hoje oficialmente adoptada em relação á materia que constitui o assunto deste artigo; mas, emquanto no primeiro o seu espírito foi iluminado por ideas generosas, no segundo teve a infelicidade de inaugurar um sistema cheio de ambiguidades, que deixou a porta aberta á maior anarquia, conforme o dizer dum reputado escritor.

Em materia de contrabando não há ainda hoje qualquer pacto que ligue as nações, mas como até certo ponto a Declaração Naval de Londres pode representar as tendencias que orientam as principais potencias marítimas ácerca das mais importantes questões do direito internacional, e o limite das mutuas transigencias que estavam dispostas a aceitar, po-

demos tomar aquele diploma, embora não tivesse sido ratificado, como a base do actual direito marítimo.

Para tornar compreensível a influência dos precedentes da grande guerra na doutrina do contrabando é indispensável passar em revista a sua evolução até à reunião da conferencia Naval de Londres, sumariar os princípios consignados na respectiva declaração e verificar quais foram as alterações que no decurso da guerra sofreram aqueles princípios. Se constatarmos que do conflito as nações saíram desfalcadas duma parte importante do patrimonio de ideas e princípios que antes possuíamos, só nos restará ter esperança em que a Sociedade das Nações, fazendo taboa raza nas doutrinas elaboradas nos ultimos anos, realize a plena e desejada liberdade dos mares, tão insistentemente reclamada há muito tempo, ou então que inicie um novo periodo de controversia da qual resultem principios e regras que estejam em completa opposição com os nefastos precedentes agora creados.

Não havendo portanto regras de direito positivo escrito a respeito do contrabando de guerra, a evolução da sua doutrina só poderá ser estudada nos tratados ligando as diversas nações, na legislação interna dos diferentes países e na opinião dos publicistas.

A necessidade de definir clara e rigorosamente os objectos susceptiveis de fazerem parte das listas de contrabando de guerra só começou a ser satisfeita em pleno seculo xvii. Até então reinou a mais absurda arbitrariedade neste assunto, residuo incontestavel do despotismo marítimo das epochas anteriores. Pouco antes tinha-se começado a organizar um conjunto de normas reguladoras das relações entre os estados e a sua influencia já se fez sentir no tratado dos Pirineus, celebrado em 1659 entre a França e a Espanha. Neste tratado eram considerados contrabando os objectos que servissem especial e imediatamente para a guerra e, além disto, como artigos suplementares, eram também considerados na mesma categoria o salitre, os cavalos e os selins. Todas as outras mercadorias, incluindo os viveres, eram excluidas. O tratado dos Pirineus serviu depois de modelo a outros documentos da mesma natureza.

Assim ficaram consignados há mais de dois seculos e meio num instrumento diplomatico, os principios de que só

deveriam ser considerados como contrabando os objectos que pudessem servir exclusiva e imediatamente para a guerra, sendo pouquissimas as excepções a esta regra, e que os viveres não poderiam ser compreendidos naquela categoria.

Aconteceu, porém, que não se havendo estabelecido um acordo geral entre as nações civilizadas, aqueles princípios foram posteriormente mais ou menos modificados segundo as conveniencias da ocasião. Desta forma os navios foram umas vezes reputados contrabando de guerra e outras não, chegando até a dar-se a circumstancia extravagante de a mesma potencia os considerar como tal em certos tratados e exclui-los das listas, noutros.

A partir do seculo XIX, sob a influênciã dos principios consignados na *Primeira neutralidade armada*, começou a tornar-se mais rigorosa a definição dos artigos de contrabando de guerra, salientando-se entre as potencias que mais liberais se tem mostrado neste assunto os Estados Unidos, a Italia e a França. A tendencia oposta tem-se manifestado do lado da Inglaterra.

Segundo a lista dos artigos de contrabando de guerra da *Neutralidade armada*, só os objectos destinados especialmente a usos militares eram assim reputados. As excepções que se faziam a esta regra, que infelizmente as teve, limitaram-se ao enxofre, salitre, selins e freios. Esta lista foi elaborada pelas potencias que primitivamente constituiram a aliança, Dinamarca, Suecia e Russia, e aceita depois pelas nações aderentes, Portugal, Espanha, França, Holanda, Prussia, Austria, Duas Sicilias e Estados Unidos. O acto da imperatriz da Russia, estabelecendo as bases do novo direito maritimo no seu manifesto de 26 de Fevereiro de 1780, foi duma grande transcendencia para a fixação de certos pontos de doutrina e entre eles, em especial, para o contrabando de guerra.

É sabido que a *Segunda Neutralidade armada*, não logrou o mesmo exito do que a primeira; a destruição da esquadra dinamarquêsã, brilhante feito de armas de Nelson, e o assassinato do imperador Paulo I da Russia, fizeram modificar radicalmente a attitude deste ultimo país que, sob a pressão da Gran Bretanha, constrangeu os seus aliados a aceitar as regras do chamado *direito inglês*.

Não obstante o fracasso da *Segunda Neutralidade*, alguma

cousa se lucrou com ela, neste particular, pelo menos a adesão das principais nações marítimas, com uma só excepção, aos princípios liberais formulados pela imperatriz da Rússia, e a demonstração cabal do antagonismo entre a Inglaterra e as nações continentais, antagonismo que, sob este ponto de vista especial, varias vezes se tem manifestado. A aceitação pela maioria dos países das idéas da *neutralidade armada* deu tal autoridade à lista por ella formulada, que a propria Inglaterra, apesar de toda a sua má vontade, teve que a acatar e transigir com as normas liberais que ella continha, o que, ainda que feito com a intenção de manter outras vantagens, não deixou de dar grande valor aos seus princípios que as potencias do Norte defenderam.

As tentativas effectuadas em 1856, por ocasião do Congresso de Paris, para regulamentar a questão do contrabando resultaram inteiramente vãs, em consequência da opposição da Gran Bretanha em atender as propostas das potências, particularmente da França e dos Estados Unidos.

Assim, até à época em que se realizaram as Conferências de Haya nada de positivo se estabeleceu em relação ao contrabando de guerra. Faltando sempre o assentimento da chancelaria londrina, nunca foi possível assentar definitivamente os princípios gerais reguladores deste assunto; deve-se dizer, todavia, que as regras da neutralidade armada continuaram tendo comum applicação e foram postas em prática na maioria dos casos.

Vieram então as Conferências de Haya. Na primeira foi abordada a questão da propriedade privada no mar (que envolve esta) apesar de não estar compreendida nos 8 pontos que constituem o programa da reunião, mas não foi possível ir além da apresentação dum voto (o quinto), que exprime o desejo de que o problema da inviolabilidade da propriedade particular fosse remetido à apreciação duma conferência ulterior.

No convite inicial para a convocação da 2.<sup>a</sup> Conferência da Paz, propunha o governo norte-americano, como pontos essenciais a considerar, entre outros, o seguinte: *distinção entre as várias espécies de contrabando de guerra*. Quando posteriormente foi organizado o programa definitivo da Conferência, propoz-se a elaboração dum regulamento das leis e cos-

tumes de guerra marítima, no qual seria incluída a questão do contrabando, e de facto ela não foi esquecida. Algumas delegações abordaram o assunto tornando-se sobre todas notável a proposta inglesa, estabelecendo pura e simplesmente a supressão do contrabando<sup>1</sup>; como porém as diferentes delegações não tivessem chegado a acordo durante a discussão, apesar da Inglaterra ter congregado em volta de si a maioria das potências representadas<sup>2</sup>, a questão ficou por resolver e foi remetida com outras que interessavam particularmente ao direito internacional marítimo, a uma próxima conferência (4.º voto).

O debatido problema do contrabando de guerra, não obstante ter ficado por resolver na 2.ª Conferência de Haya, apresentava-se desde então sob melhor aspecto, porque a Gran Bretanha prometia abandonar as suas tradicionais práticas e se mostrava resolvida a enveredar por caminho mais liberal.

A Conferência naval de Londres, reunida para dar execução ao 4.º voto da 2.ª de Haya foi convocada para estudar em especial 8 pontos de direito, dos quais o primeiro enumerado era exactamente o contrabando de guerra. No que diz respeito a contrabando, os princípios consignados na respectiva Declaração encontram-se formulados nos 23 artigos (22 a 44) do capítulo II, e marcam um incontestável e flagrantíssimo retrocesso a respeito das teorias que modernamente vinham fazendo carreira entre os publicistas. A quasi três séculos de distância, a conferência de Londres foi co-

<sup>1</sup> A declaração lida por lord Reay, na sessão de 24 de julho (Anexo n.º 27 das Actas da Conferência, 2.º vol.) é do teor seguinte: «A fim de diminuir as dificuldades que o comércio dos neutros experimenta em caso de guerra, o governo de S. M. Britânica está disposto a abandonar o princípio do contrabando em caso de guerra entre as potências que assinarem uma convenção relativa ao assunto. O direito de visita não seria exercido senão para constatar o character neutro dos navios mercantes.»

<sup>2</sup> As delegações que repeliram o ponto de vista inglês, manifestaram-se todavia no sentido de serem atenuadas as faculdades consentidas pelo habito aos beligerantes, na questão de contrabando de guerra. Quando se tratou da votação, tomaram parte nela 35 delegações; a favor da proposta inglesa votaram 25, contra 5 (Alemanha, Estados Unidos da A. do N., França, Montenegro e Rússia), e abstiveram-se outros 5 (Espanha, Japão, Panamá, Rumania e Turquia). Apesar de ter sido nomeada uma comissão especial para estudar o assunto, não foi possível encontrar qualquer solução conciliatoria.

locar-se no ponto de vista de Grocio, ao qual já com sobrada razão se criticava o facto de dar aos beligerantes a primazia, pondo os neutros numa situação de notável inferioridade.

Como é sabido, aquele grande jurisconsulto classificou, quanto ao contrabando de guerra, todos os objectos em três categorias:

1.º—Objectos de uso exclusivamente militar e, por conseguinte, prohibidos como contrabando absoluto e sujeitos a serem confiscados;

2.º—Objectos de uso não militar e, por consequência, livres sem restrições;

3.º—Objectos de uso tanto na guerra como na paz (*USUS ANCIPTIS, QUAE IN BELLO ET EXTRA BELLUM USUM HABENT*) e podendo ser considerados ou não contrabando, segundo as conveniências dos beligerantes. E' o contrabando condicional.

A conferência naval de Londres ressuscitou esta classificação atenuando-a um pouco, mas sem de forma alguma suavizar o critério que inspirou o célebre escritor holandês. Assim o art.º 22 enumera os objectos que são considerados contrabando absoluto; entre eles figuram não só as armas de guerra e as peças ou partes delas que lhe possam ser imediatamente e sem qualquer manipulação adaptadas, mas até as armas de caça, os animais de sela, tiro e carga utilizáveis na guerra e as peças separadas de todas as armas, máquinas e aparelhos indicados. Prevaleceu, por conseguinte, na redacção deste artigo, o critério restritivo contra o qual ha muito se manifestavam aqueles que desejavam que o contrabando de guerra compreendesse somente as armas, artificios de guerra e as peças e acessórios tanto dumas como dos outros, que pudessem imediatamente e sem qualquer preparo, serem-lhes adaptadas.

O art.º 23 dá aos beligerantes a faculdade de aumentarem por meio duma simples declaração notificada aos neutros a lista dos objectos e materiais de contrabando absoluto, pondo como única restrição que eles sejam exclusivamente empregados na guerra.

O art.º 24 menciona os objectos que são considerado servindo tanto para usos de guerra como para fins pacíficos e que classifica de contrabando condicional. Entre estes figuram

os viveres, a alimentação do gado, a moeda e o papel que a representa, os navios e embarcações mercantes, as docas flutuantes, o material de caminhos de ferro fixo e volante, todo o material telegráfico e telefónico, o combustível, as polvoras e explosivos não destinados á guerra, ferraduras, arreios de gado, binoculos, cronómetros e os diversos instrumentos de navegação. Para que muitos dos objectos mencionados no art.º 24 ficassem fora das listas de contrabando, tinham empregado os seus melhores argumentos vários publicistas dos diversos países da Europa e da America; pois, apesar da longa campanha por eles empreendida, quasi todos lá figuram, começando a relação pelos viveres e seguindo-se-lhe imediatamente a alimentação do gado!

Como succede com o contrabando absoluto também as listas do condicional podem ser aumentadas por virtude de simples deliberação dos beligerantes notificada aos neutros, e em semelhante notificação podem ser incluídos os objectos e materiais susceptíveis de servirem aos usos da guerra e aos usos pacíficos, os quais, segundo Richard Kleen, deveriam ser tão livres como aqueles cuja natureza é essencialmente pacífica. Ha todavia uma diferença que convem notar entre a concepção do contrabando condicional de Grocio e a da Conferência de Londres, diferença que é toda a favor do primeiro, não obstante as críticas que lhe tem sido feitas e que actualmente, ao cabo de quasi tres séculos, se vê, em presença do que se fez em nossos dias, quanto eram injustas, porque enquanto Grocio considera indistintamente todo o contrabando condicional, entendendo que a ele não se pode aplicar a confiscação como succede ao absoluto, mas sim a detenção temporária, a Conferência de Londres permite a captura do contrabando condicional logo que seja destinado ás forças armadas ou ás administrações do estado inimigo (art.º 33) e a sua confiscação (art.º 39), e até do próprio navio que transporta essas mercadorias se o seu valor ou quantidade exceder certos limites (art.º 40). A sanção a aplicar resulta, pois, do destino da mercadoria, e como a fixação do destino (art.º 34) permite na sua apreciação grande elasticidade, daí resulta que os direitos dos neutros e a imunidade da sua propriedade privada, ficam em grande parte sujeitos ao arbitrio dos beligerantes.

Correspondendo à segunda categoria de contrabando de guerra proposta por Grocio, também os artigos 20 e 29 indicam diversas espécies de objectos que não podem ser declarados ou considerados como contrabando. Grande parte destes objectos são artigos coloniais e exóticos. E' para notar que sendo contrabando de guerra o ouro e a prata em barras, não o possam ser as pedras preciosas e os minerais; que sejam matéria proibida os tecidos e o calçado próprio para usos militares (?) e não o sejam as máquinas para as industrias textis; que sejam contrabando os chronometros e não o sejam os relógios, quando é certo que há muitos cronómetros que não valem um bom relógio!

As considerações feitas nas linhas anteriores mostram claramente que as doutrinas afirmadas na Declaração Naval de Londres não estão de acordo com o que modernamente era aceito pela maioria dos publicistas e até se encontra estabelecido na legislação interna de varios países. A evolução das doutrinas relativas ao contrabando de guerra, de Grocio até hoje, tem-se acentuado no sentido de as tornar mais justas e equitativas. Exceptuando os escritores ingleses que interpretam o modo de pensar daquela nação em questões de direito internacional marítimo, em geral os outros manifestam-se mais liberais. A doutrina inglesa tradicional concede aos beligerantes a faculdade de notificarem aos neutros quais os objectos que consideram contrabando de guerra, princípio êste que ainda há perto de cincoenta anos foi defendido por um jurisconsulto britânico da alta envergadura de sir Travers Twiss; ao contrário, o *Instituto de direito internacional*, tem sempre pugnado pelo princípio oposto e perfilhado o critério continental. Assim, tendo começado por afirmar que só ficavam sujeitos à captura os objectos destinados à guerra ou que fôsem susceptíveis de nela serem empregados imediatamente, como não formulou uma lista de artigos de contrabando, pode-se dizer que deixou tudo no pé em que estava antes, tanto mais que, para suprir aquela falta, estabeleceu a seguinte regra: os beligerantes deverão determinar por ocasião de cada guerra os objectos destinados ou susceptíveis de serem empregados imediatamente nas operações militares. Ficava prejudicado portanto, aquilo que sobretudo se desejava evitar, que era a faculdade de os beligerantes imporem aos neutros por

determinações de caracter particular, as restrições que bem lhes parecesse. Em 1896 o Instituto atacou novamente a questão do contrabando, e então duma forma mais radical e consentanea com os princípios continentais. Assentou em regra na exclusão de toda a espécie de contrabando que não fôsse absoluto e definiu este, fazendo compreender nele as armas, suas munições, material militar, navios de guerra e os instrumentos e maquinas especialmente construidos para a fabricação imediata de munições; admitia ainda em certas circunstâncias o contrabando condicional, mas não dava aos beligerantes o direito de capturar os objectos assim considerados que, quando apreendidos, deveriam ser pagos ao proprietário.

Na legislação interna os critérios adoptados traduzem mais ou menos as tendências manifestadas pelos seus principaes publicistas. Em Inglaterra a repugnância em definir os princípios relativos ao contrabando de guerra tem-se evidenciado pela pratica adoptada há muito, de resolver por uma determinação do governo (*order in council*) cada caso particular.

No continente europeu a doutrina aceita é em grande número de nações a de *neutralidade armada*, havendo alguns países, como a Italia, em que se tem regulado este assunto com grande largueza de vistas.

Tal era, em poucas palavras, o estado da questão quando nas Conferências da Paz se começou a ventilar o problema e que, finalmente, na Declaração Naval de Londres se procurou regulamenta-lo definitivamente. Não era boa, como vimos, a doutrina desta Declaração, mas bem pior foi o que se praticou durante a grande guerra.

(Continúa).

MATTA OLIVEIRA.

Capitão-tenente.

## O emprêgo das máquinas de assalto (os tanqs)

Da *Rivista di Artiglieria e Genio* recopilamos os seguintes interessantes dados sôbre o emprêgo tactico das máquinas de assalto.

1. *No ataque.* — As máquinas de assalto são destinadas a facilitar o avanço da infantaria, mas não modificam a táctica desta arma, nem podem substituir a sua acção. O seu emprêgo tem um carácter de cooperação, como as outras armas.

As *maquinas de assalto pesadas* são meios eficazes de destruição nos ataques a posições fortemente organizadas e que a artilharia não destruiu durante a preparação.

A sua missão é abrir caminho à infantaria de ataque e aos carros ligeiros de assalto, podendo ainda desempenhar a missão de acompanhamento da infantaria.

As *maquinas de assalto ligeiras* são especialmente destinadas a aproveitar o successo depois de aberta a brecha na frente inimiga, seja em cooperação com a cavalaria acompanhada de autos-metralhadoras blindados, seja ainda sós, mas em ligação com esquadrilhas especiais de aeroplanos. A sua missão é lançar a confusão e o panico nas linhas de comunicação do inimigo.

As máquinas de assalto ligeiras, mas com menor velocidade, são chamadas de *acompanhamento*, e operam em ligação constante com a infantaria, ficando sob as ordens dos comandantes de infantaria, os quais lhes assinalam as suas missões sucessivas.

Em virtude das suas características, as máquinas de assalto podem ser empregadas :

1) Num ataque de surpresa (emprêgo característico dêste meio de ataque), a executar ao alvorer, ou em dias de nevoeiro, tendo havido uma enérgica, mas curta preparação pela artilharia.

2) Numa acção metódica, servindo de acompanhamento à infantaria e para aproveitar os primeiros successos, atacando as posições inimigas de 2.<sup>a</sup> linha sem prévia preparação de artilharia.

Para obter bom resultado no seu emprêgo, torna-se necessário empregar massas de máquinas de assalto e conservar uma mútua cooperação e íntima ligação entre as unidades de infantaria e os grupos de máquinas.

Para que as máquinas possam realizar a sua missão devem poder manobrar e para isso devem evitar o terreno esburacado profundamente pelo tiro de artilharia, pois num tal terreno as máquinas manobram com muita dificuldade e correm risco de se imobilizarem, não podendo portanto apoiar a infantaria.

A *repartição das máquinas de assalto* pertence ao comando das grandes unidades em harmonia com a importancia táctica dos objectivos.

A unidade de combate das máquinas de assaltos pesadas (4 máquinas) tem uma frente de acção de 500<sup>m</sup> o máximo ; e para as máquinas ligeiras (5 máquinas) a sua acção eficaz corresponde a uma frente de 300 a 400<sup>m</sup>.

É preciso ter como assentes os seguintes princípios:

1.º—Quando se emprega um limitado número de máquinas de assalto, corre-se risco de ver anulada a sua acção, pois o inimigo pode concentrar os seus meios de defesa, imobiliza as máquinas, e a infantaria encontra-se sem o seu apoio.

2.º—Quando as máquinas são acompanhadas de fracos efectivos de infantaria, também os resultados são nulos, obtendo-se sacrificios improdutos.

As máquinas de assalto não podem compensar a fraca densidade da infantaria, pois esta torna-se necessária para ocupar e manter o terreno conquistado.

3.º—As unidades de máquinas de assalto devem ser escalonadas em profundidade, e a cada reserva de máquinas deve corresponder uma reserva de infantaria.

4.º—É preciso que o comando tenha à sua disposição uma reserva de máquinas de assalto para fazer face às exigencias do combate.

Para obter esta disponibilidade não deve repartir uniformemente as máquinas, mas segundo a missão que é dada à unidade de ataque.

5.º—As máquinas de assalto devem ser consideradas como um *reforço* dado à infantaria.

6.º—A zona de acção deve estar em harmonia com o rendimento, que o emprêgo das máquinas pode dar, em vista das condições materiais do terreno, da organização defensiva do inimigo e das provaveis acções da artilharia inimiga.

Escolhida a zona de acção, o comandante da unidade de infantaria e o comandante da unidade de máquinas de assalto, devem proceder a um cuidadoso reconhecimento do terreno e dos objectivos. Só então será estabelecido a plano para o emprêgo das máquinas de assalto.

Em geral, as marchas de aproximação não se devem efectuar de dia. No caso de nevoeiro ou em condições atmosféricas que impeçam o vôo dos aeroplanos, as máquinas de assalto podem reunir-se em locais muito próximos (a uns 1.000<sup>m</sup>) à linha de partida. Tal distância é ainda reduzida durante os 3 ou 4 minutos de preparação violenta da artilharia.

As máquinas ligeiras podem mesmo colocar-se a 400<sup>m</sup> da linha de partida.

Em geral, a reunião efectua-se de noite, abafando-se o ruido produzido pelas máquinas com os tiros de artilharia, rajadas de metralhadoras e incursões de aeroplanos. É necessário evitar de uma maneira completa que a presença das máquinas de assalto seja notada, e por isso os seus movimentos nem deverão ser observados pelos prisioneiros ou desertores.

Se o terreno não o permite, então as máquinas podem conservar-se a uns 5 quilometros atrás, distancia que se vencerá com uma maior velocidade.

De dia deverão ser mascaradas natural ou artificialmente, à vista dos observadores inimigos.

Para o bom resultado no emprêgo das máquinas exige-se uma potente e bem organizada acção de contra batarias (mesmo por aeroplanos), a neutralização ou a formação de cortinas de fumo para impedir ao inimigo a observação.

No caso de um ataque por surpresa, a preparação da artilharia é violenta e curta, sendo depois continuada com tiro de acompanhamento a 150-200<sup>m</sup> à frente da linha das máquinas de assalto. O emprêgo dos projecteis fumigineos não é possível no tiro de acompanhamento, pois então impediria que das máquinas pudesse ser observado o terreno na frente.

Costuma-se antes empregar nuvens artificiais, ou melhor ainda barragens fumigineas sucessivas. É preciso ainda ter divisões de peças prontas a abrir o fogo sobre as peças ou baterias que improvisadamente rompessem o fogo com tiro directo contra as máquinas de assalto.

As máquinas de assalto devem preceder a infantaria de modo que possam destruir as defensas inimigas, aniquilar os ninhos de metralhadoras, vencendo as resistencias ainda existentes, antes que a infantaria alcance as linhas inimigas. É conveniente que concentrem o fogo sobre um objectivo, do qual devem aproximar-se o mais possível para atirar sobre elle com grande rapidez rajadas breves, precisas e violentas.

Se as máquinas vão precedidas pelo tiro de acompanhamento, é conveniente que sigam muito próximas, porque então o fumo das explosões subtrai-as em parte às vistas dos observadores e facilita a surpresa.

As máquinas são seguidas a 200-300<sup>m</sup> pelas esquadras de auxiliares, prontas a ajudá-las nas passagens difíceis.

Alcançado o objectivo de ataque, as máquinas mantem-se em movimento à retaguarda da linha ocupada pela infantaria, enquanto esta se consolida, para sustentá-la nos contra-ataques. Se porém a artilharia inimiga não foi dominada completamente, é conveniente então fazer reentrar as máquinas nos acantonamentos, para evitar a concentração de fogo, que pode produzir a destruição dos carros de assalto, como teve logar na ofensiva de 16 de abril de 1917.

Para o bom exito do ataque, é necessário que a infantaria aproveite rapidamente os fugitivos momentos de successo que dão os carros de assalto, alcançando e até ultrapassando a 1.<sup>a</sup> linha, de maneira a não deixar passar o efeito moral produzido pelas máquinas de assalto, e para isso deve a infantaria conservar-se em immediato contacto com elas.

Pronta a atacar, deve penetrar sem indecisões através as brechas praticadas nas organizações inimigas, e rapidamente colocar nas passagens abertas sinais indicadores bem visiveis, para que as ondas sucessivas, quer das máquinas, quer das tropas, possam facilmente distingui-los. A infantaria deve estar pronta para rapidamente actuar pelo fogo na direcção dos clarões das peças, que se manifestem com o tiro directo contra as máquinas, e ainda mesmo que as peças sejam invisiveis. Esta íntima cooperação é indispensavel para o bom resultado do ataque. Se porventura as máquinas forem imobilizadas, a infantaria tem por obrigação avançar até ao objectivo. Logo que a infantaria se tenha consolidado nas posições, não deve contar mais com as máquinas de assalto.

Os aeroplanos cooperam com as máquinas de assalto, voando baixo e

dum modo contínuo sobre as primeiras linhas de modo a mascararem a marcha de aproximação. Durante o combate, reunidos em esquadrihas podem prestar úteis serviços, quer dando notícias sobre o inimigo, quer mascarando os observadores com bombas fumigineas, quer ainda atacando baterias ou peças isoladas que se revelem.

As *ligações* entre as máquinas de assalto no combate, e destas com a infantaria, podem obter-se por meio de sinais feitos com discos e bandeiras; e entre as máquinas e o comando, por meio de pombos correios (cada máquina leva pelo menos 2), e ainda pelo T. S. F., pois algumas máquinas levam aparelhos moveis para transmitir e receber.

As máquinas de assalto ainda são empregadas para transportar munições e água para as tropas avançadas, atravessando as zonas batidas pelos fogos de barragem.

#### II—*A defesa contra as máquinas de assalto.*

O próprio *dispositivo em profundidade* é já uma medida preventiva contra as máquinas de assalto e contra a infantaria inimiga.

Os efeitos de surpresa podem ser frustrados com uma activa vigilancia, procurando-se recolher os menores indícios de que se prepara um ataque com máquinas de assalto, de modo a empregar rapidamente os meios de acção eficazes, e que são principalmente peças e metralhadoras. As primeiras imobilizam os carros, e as segundas ceifam a infantaria. Outros quaisquer meios são subsidiarios (infantaria, aviões, máquinas de assalto, defensas passivas).

O inimigo mais terrível para as máquinas de assalto, é o fogo da artilharia de pequeno calibre, para o que se dispõem as peças escalonadas em profundidade, disseminadas, cuidadosamente mascaradas e colocadas nas linhas avançadas. O fogo é aberto às pequenas distancias, por meio de rajadas precisas e violentas. A acção das peças isoladas é muito eficaz, não só porque se mascaram facilmente, mas porque são difíceis de referenciar pela artilharia inimiga, e porque com facilidade mudam de posição. Com a artilharia de campanha pode ser empregada com vantagem a artilharia de montanha, que deve estar pronta a ir ocupar posições dominantes, donde possam executar o tiro directo em cooperação com a artilharia de campanha ligeira, e até pesada. O tiro de barragem só tem utilidade contra os ataques de noite, empregando-se peças isoladas auxiliadas por projectores. A barragem pode ainda obter-se por meio de lança-bombas Stokes e por meio de bombardas, que actuam sobre as zonas, que as máquinas de assalto devem atravessar. As peças devem empregar projecteis carregados com poderosos explosivos e com espoleta de retardamento.

As metralhadoras exercem a sua acção especialmente contra a infantaria que acompanha as máquinas de assalto, executando fogos de barragem, e fogos de enfiada. Devem ser dadas metralhadoras às peças isoladas para as proteger do ataque da infantaria inimiga.

As metralhadoras devem ocupar pontos elevados do terreno.

Ainda uma parte das metralhadoras é destinada a actuar directamente contra as máquinas de assalto. Aquelas devem dirigir o seu tiro contra as seteiras dos condutores, na parte anterior das máquinas e sobre os pontos em que se veem aparecer as peças ou as metralhadoras fóra da blindagem.

A infantaria actua contra a infantaria inimiga que acompanha os carros e ainda contra êstes, servindo-se das peças de 37 m/m e dos lança-bombas Stokes.

Nas povoações organizadas defensivamente, dever-se-ha ter nos andares superiores das casas cargas móveis de explosivos (2 quilos) para serem lançados sôbre os carros de assalto.

Os aeroplanos, como elemento de reconhecimento, prestam bons serviços, examinando junto das linhas ferreas se ha depositos de máquinas de assalto, ou outros quaisquer indícios; comunicando à artilharia a marcha dos carros, o efeito dos tiros, e cooperando mesmo com a artilharia no bombardeamento dos carros, e desorganizando a infantaria como o fogo das metralhadoras.

Como complemento dêstes diversos *meios de defesa activa*, ha ainda diversos *meios passivos*, como são:

Organizando e melhorando os obstáculos naturais; creando obstáculos artificiais, especialmente nos pontos de passagem obrigada; trincheiras profundas e largas; linhas de grossos abatizes; inundações; grandes taludes; campos de minas; barricadas; escarpas talhadas a pique de uma altura de 3 metros; fossos com 2<sup>m</sup> de profundidade e 5<sup>m</sup> de largura; palissadas; etc.

Os intervalos entre os obstáculos passivos podem ser defendidos por meio de torpedos enterrados.

V. C.

## Portugal na Guerra da Europa

*(Continuado da pag. 745, do LXXI ano)*

Um dia, no acantonamento de Crecques, os corneteiros, à ordem do comandante do batalhão, tocam a «deitar cor-reias».

Foi em 18 de Maio de 1917.

Os soldados que já andavam meio equipados desde as primeiras horas da manhã, correm apressadamente a casa das namoradas e, num ultimo abraço de despedida em que vai todo um coração cheio de amargura e de saúde, dizem adeus às pequenas da aldeia com as lágrimas nos olhos.

Há um calafrio de tristeza que percorre todo o acantonamento. O espectro terrível das trincheiras ergue-se dominante no espírito do soldado, deixando-o na incerteza de voltar àqueles sítios.

E, nêsse abraço de reconhecimento com que aperta contra o coração toda aquela gente que tão bem soubera suavisar-lhe as agruras do seu forçado afastamento da Pátria estre-mecida, vai, também, um pedaço da sua alma cristalina, a alma sadia e pura do heroico soldado português, vibrando em toda a pujança do seu sentimentalismo afectivo e carinhoso.

A gente da povoação, tocada de uma sensibilidade que os horrores da guerra jámais fizeram esmorecer, compreendendo a grandeza moral do momento que passa, atira amorosamente os seus braços para êles e, com os olhos rasos de lágrimas, ergue ao Altíssimo uma prece ardente pelas felicidades dos portugueses.

Toca a formar companhias.

Os soldados, de mochila às costas, passam a correr a tomar os seus lugares nas fracções a que pertencem, onde o sargento vai procedendo à chamada com voz pouco firme.

Um ou outro, vai limpando uma lágrima rebelde que teima

em ficar na povoação... De vez em quando, cai uma marmitta que a pressa não deixou prender com a devida segurança. Às vezes, também cai uma bota...

Companhias já organizadas vão marchando silenciosamente para a estrada onde deve fazer-se a concentração, ouvindo-se distintamente o traquinar da ferramenta portátil marcando a cadência num tom cavo e soturno.

O comandante já a cavalo, faz as suas ultimas recomendações ao ajudante para que tudo esteja em ordem; êste, que é dado às picarias, sai a galope para transmitir à... namorada o seu ultimo olhar de despedida.

Pouco depois, é o toque de reunião que se ouve, tocado pela banda de corneteiros com trinados na corneta que arripiam.

As companhias, prontas para a marcha, desfilam para os seus lugares definitivos.

No flanco direito a 1.<sup>a</sup> seguindo-se-lhe a 2.<sup>a</sup>

Há um compasso de espera para as duas companhias acantonadas em Rebecq que chegam pouco depois, formando na esquerda pela sua ordem natural, enquanto as viaturas se vão juntando no largo da igreja esperando a revista do comandante, que é passada a galope, tal a certeza que tem de que tudo está conforme os preceitos da ordenança.

Ouve-se, finalmente, o toque de "quatro à direita volver" e momentos depois o toque de "avançar".

A gente da terra que acudira em massa postando-se à saída da povoação, agita freneticamente os lenços e aos nossos ouvidos chegam os votos de *bonne chance* à mistura com um ou outro grito de aflição e de tristeza.

Eram 11 horas e 35 minutos da manhã quando nos puzemos em marcha seguindo a estrada de Marthes.

O batalhão marchava neste dia para as trincheiras.

\*  
\*  
\*

Às 7 horas da tarde chegámos a S. Floris tendo caminhado 25 quilómetros sobre a frente de batalha.

A marcha fizera-se sem novidade. E o batalhão, agora, fortemente sacudido por uma rajada de entusiasmo e de fé na

compreensão exacta das responsabilidades que pesavam sobre os seus ombros, as quais, sem duvida, deixavam a perder de vista o pêso da mochila, marchou resolutamente para a morte numa étape encantadora, como outra ainda não presenceára.

Homens do mar, na sua quasi totalidade, habituados desde criança a encarar os perigos com uma abnegação só própria daquela gente; com uma fé absoluta em Deus, a quem haviam confiado o seu Destino e animados da firme vontade de vencer, marcharam sem fraquezas nem desfalecimentos, vencendo gloriósamente e desde logo o início da História do batalhão da Figueira.

Acantonámos, nessa noute, em S. Floris e, na manhã seguinte, ou seja em 19, chegámos a Le Tourée.

Ouvia-se, já, distintamente o troar da artilharia e nos terrenos marginais da estrada de marcha, choviam granadas, salpicando-nos de estilhaços, o que nos leva a pensar na necessidade de dotar as tropas com *guardas chuvas* apropriados e, neste sentido, tomam-se apontamentos...

Ha um certo nervosismo nas fileiras. Mas, como a alma para ser grande deve chegar, pelo menos, até Almeida, a alma do batalhão, neste momento, era cada vez maior, porque à medida que iam caminhando para a *frente* mais ia aumentando a distância que nos separava de Almeida.

Em 20, os oficiais do batalhão fazem um prévio reconhecimento ao sub-sector que vamos ocupar.

Entrámos nas trincheiras com um certo ar de gravidade, a que não era estranha um fundo de superstição que levou alguns a trocar o passo para que a entrada se fizesse com o pé direito. Um arrepio atravessando-nos a espinha de alto a baixo e descendo até aos pés, para se perder na terra como um fluido magnético, deixa-nos de pernas bambas sob a acção de um pêso formidável que nos amachuca o peito, dificultando-nos a respiração...

Sinto que as palavras se atropelam na bôca dando-me a impressão de que vou ficar gago para sempre... Uma sede intensa devora-me, neste momento...

Tudo isto devia ser, talvez, a nossa alma com tendências para encolher um pedaço com a aproximação espiritual que as saudades da minha terra avivaram nesta hora em que o

desenrolar de uma scêna demasiadamente trágica fizera voar o nosso coração para a terra bemdita da Pátria.

Ouve-se de vez em quando o rebentamento de uma sarai-vada de morteiros, e logo penso que tudo aquilo era para mim, embora achasse metralha de mais para um homem só.

Depois, é uma bala de espingarda que assobia aos meus ouvidos. Como detesto o assobio, que foi sempre da minha particular embirração, atribuo à espionagem alemã aquela piraça, a qual, todavia, não obsta a que eu, num cumulo de delicadeza, curve respeitosa e a cabeça à sua passagem, o que em todo o caso só ponho em prática depois da bala ter passado, para que a minha delicadeza não fosse levada à conta de um germanofilismo covarde.

Agora, é um aeroplano que me deixa hesitante sôbre os meios da defesa a adoptar. Alguem do lado, nos diz que o aeroplano era *nosso* o que eu só acreditaria se me tivesse naturalizado inglês, o que não era viável naquelas alturas...

Contra aeroplanos não conhecia quaisquer preservativos, nem mesmo o próprio *cavanço*, lembrando-me que um dia, em circunstâncias semelhantes, me déra para cavar por campos e vales, mas, por mais que me *desviasse*, nunca deixára de vêr o bicho sôbre a cabeça.

A artilharia, que nunca se calava, pelo que parecia ter costela de algarvio, deu também o seu contingente para aumentar aquela inferneira, rompendo um fogo intensissimo que nos deixa assarapantados; e a minha inexperiência de ouvido leva-me a supor que o inimigo, tendo já transposto as nossas linhas, nos está atacando pela retaguarda. Afinal, era a nossa artilharia que estava fazendo um *frete*, como usava dizer-se em calão de trincheira.

Com o pensamento preocupado e uma certa vontade de me vêr dali para fóra, pouco aproveitei com êste reconhecimento, tanto mais que as informações nos eram prestadas em inglês e nós não traziamos o dicionário.

De resto, era a primeira vez que me via naqueles assados e, com franqueza, um homem não é de pau.

E, quando o reconhecimento foi dado por findo, não foi sem um certo alivio que me vi dali para fóra, guardando na algibeira o Crédo que a minha hesitação de principiante levára na bôca quando, horas antes, entrára nas trincheiras.

Em 21 são os sargentos e cabos que fazem o seu reconhecimento, até que em 22 de Maio entra finalmente nas trincheiras o bravo batalhão do 28, rendendo no sub-sector direito de *Ferme du Bois* um batalhão da 145.<sup>a</sup> Divisão do 1.<sup>o</sup> Exército Inglês.

Para conveniência de certos serviços mais ou menos dependentes do exército britânico, sobretudo dos que se prendiam com a ocupação das trincheiras, fôra posta de parte a nossa primitiva organização dos regimentos a 3 batalhões, adoptando-se o grupamento destes em Brigadas a 4 batalhões, ficando cada Divisão com 3 Brigadas de Infantaria, num efectivo total de 2 Divisões com 24 batalhões de Infantaria, com perto de 26.000 homens, assim repartidos :

1. <sup>a</sup> Divisão	1. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 21, 22, 28 e 34).
	2. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 7, 23, 24 e 35).
	3. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 9, 12, 14 e 15).
2. <sup>a</sup> Divisão	4. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 3, 8, 20 e 29).
	5. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 4, 10, 13 e 17).
	6. <sup>a</sup> B. I.	(Infantaria n. <sup>os</sup> 1, 2, 5 e 11).

Pensou-se em organizar as companhias com quatro pelotões, à inglesa, mas esta idea foi posta de parte por falta de graduados.

Adstritos às brigadas de infantaria estavam as baterias de artilharia pesada, ainda com pessoal inglês; as baterias de artilharia de campanha e de obuzes; as baterias de morteiros ligeiros, médios e pesados; as baterias de metralhadoras pesadas e as baterias anti-aéreas.

Companhias de sapadores mineiros tratavam especialmente da construção de obras da sua especialidade em ligação com os Grupos de Companhias de Pioneiros.

A Cavalaria foi quasi toda absorvida no serviço de ligações e de polícia e com ela se constituíram 2 Grupos de Companhias de Ciclistas. Os oficiais desta arma irradiaram, em grande parte, para as esquadrilhas de aviação e outros, para os diferentes serviços dos Quartéis Gerais e mais serviços da retaguarda, não tendo vingado a idea de guarnecer as trincheiras com metralhadoras a cargo das tropas de cavalaria.

Isto, numa enumeração rápida e sucinta, porque, para maiores detalhes, não servem estes apontamentos, feitos a correr.

A frente de batalha era dividida em sectores cuja defesa estava confiada às Brigadas, mantendo, para esse efeito, dois batalhões em 1.<sup>a</sup> linha, ocupando cada um dêles um sub-sector (direito e esquerdo) e os restantes em apoio, fóra das trincheiras, alternando, de 6 em 6 dias, com os batalhões da frente e servindo-lhes de reforço, em caso de necessidade, para o que, na maioria dos casos, avançavam até à linha de suporte.

Cada batalhão em 1.<sup>a</sup> linha conservava duas ou três companhias na frente, o excedente como reserva ou apoio na linha de suporte.

Estas duas linhas a que os ingleses chamavam *front line* e *B. line*, ligavam-se uma à outra por trincheiras de comunicação, convenientemente travezadas e por onde se fazia a circulação do pessoal e material a coberto das vistas do inimigo.

Estas trincheiras eram verdadeiros ninhos de granadas nas ocasiões em que o inimigo se empenhava numa acção mais violenta, para impedir a circulação e, por conseguinte, obstar ao reforçamento da linha na parte ameaçada. Sobretudo, os nós destas comunicações eram batidos de preferência e sempre com eficácia porque, sendo pontos fixos do terreno, estavam perfeitamente determinados nas cartas das trincheiras, que o inimigo tinha em seu poder com todas as informações e detalhes que lhe eram fornecidos pelos seus aeroplanos.

Por êste motivo, as trincheiras de comunicação eram, muitas vezes, postas de parte; sobretudo de noute, para se aproveitarem os caminhos de ligação entre os diferentes postos de combate, os quais, embora em terreno descoberto, não ofereciam os perigos daquelas trincheiras.

As comunicações entre o batalhão da frente e o batalhão

de reserva eram normalmente feitas pelas estradas ou pelos caminhos de imergência quandó aquelas eram alvejadas pela artilharia inimiga.

Num sistema de entrincheiramentos em 1.<sup>a</sup> linha, havia geralmente a considerar:

A trincheira de combate; trincheira de apoio e de reservas; trincheiras especiais para granadeiros; trincheiras de comunicação, abrigos à prova de granadas explosivas; abrigos à prova de granadas; fendas abrigos; escutas; seteiras; paiois; postos de observação; defesas acessórias; cratéras organizadas defensivamente; cozinhas; abrigos para metralhadoras; latrinas; abrigos especiais para snipers, etc.

Quem não esteve nas trincheiras não poderá nunca avaliar da vida de abnegação e de sacrifício que lá tiveram os nossos homens, por mais que tenha lido as descrições que sobre o assunto se têm publicado, e por mais vivas que sejam as côres do quadro nelas traçado, para o qual a força de imaginação do artista lhe não saberá imprimir o relêvo daquela vida verdadeiramente infernal.

Só a idea sublime que representava, consubstânciada no grande amôr a um País que todos nós pretendíamos dignificar, poderá servir de justificação ao martírio de tanta gente, a quem não falecia o alento e a fé na Vitória, que infalivelmente devia chegar um dia aos que, com um orgulho de raça tão galhardamente posto à prova, se haviam lançado resolutamente no caminho da Honra, numa hora em que toda a Europa estremecia, ainda, de comoção e de incerteza.

Aquilo via-se e até os que viam não acreditavam. E só quem lá esteve, é que pôde sentir todo o amargo purificante de um viver, se viver se pode chamar a tudo aquilo que, a meu vêr, não era mais do que a morte compassada e lenta aos pés do altar sacrosanto da Pátria, morte verdadeiramente sentida e bem mais dulcificante do que a morte abrupta que outros, talvez os mais felizes, encontráram ao serem colhidos pelo estilhaço perdido que para sempre os prostrou, quando subiam despreocupadamente uma trincheira de comunicação

ou vítimas da bala do acaso que os varou na ocasião em que escreviam uma carta à família, que mal sonhavam ser a derradeira.

A estupidez, era a característica brutal desta guerra de trincheiras, guerra que passou sem deixar saudades.

Lembro-me que a granada que caiu mais próximo de mim me surpreendeu à porta do abrigo na ocasião em que fazia a barba.

Por um acaso feliz ou infeliz, ver-se-ha depois quando se fizer o ajuste final das minhas contas sobre o orbe terráqueo, a granada não explodiu. Também, se rebentasse, perder-se-ia, apenas, um oficial de... barbeiro, o que não era coisa que fizesse grande falta em guerra de tanta monta.

Em compensação, de outra vez, um simples morteiro ligeiro, ligeiro pela... ligeireza com que nos mandava desta para melhor, feriu horrorosamente 6 homens e matou 3, a pobre guarnição de uma metralhadora que entusiásticamente se batia com o rancho da véspera, e digo da véspera, não obstante o rancho ter sido cozinhado naquele dia, porque tendo os homens ficado uma ocasião sem o rancho da tarde, nunca mais foi possível indemnisa-los, razão porque, no calendário da fome, andavam sempre atrasados.

Vi um soldado ficar ferido pela forma mais estúpida que pode imaginar-se.

Fôra o caso que um avião inimigo, tentando atravessar as nossas linhas, encontrou pela frente uma bateria anti-aérea que lhe fez uma barragem formidável obrigando-o a retroceder. Então, um copo de uma granada amiga, da tal bateria anti-aérea, caindo vertiginosamente na vertical, apanha no seu trajecto a mão de um desgraçado e, sem ser por mal, arranca-lhe três dedos.

E quantos homens não foram postos fóra do combate pelo *estilhaço* de gaz de uma granada inimiga, que os surpreendeu a dormir no fundo de um abrigo?!!!

Para marcar o gráu de estupidez desta guerra, creio não serem precisos mais exemplos porque, os que ficam apontados, são suficiêntes para a propaganda.

Estive mais de seis meses nas trincheiras e nunca vi um boche!

Mais felizes do que eu foram, sem dúvida, os meus solda-

dos porque, quando lhes parecia, desatavam todos aos tiros, prova evidente de que o boche estava à vista, quanto mais não fosse entrincheirado na sua imaginação...

De dia, era o tiro do *sniper* na sua caça ao homem, atirando sôbre as cabeças que assomavam ao parapeito como quem atira em barraca de pim-pam-pum.

Em abrigos especiais, com a arma em posição e sempre pronta a fazer fogo, o *sniper* é o atirador por excelência e, pontaria feita era homem desfeito.

O primeiro soldado da minha companhia que morreu foi vítima de um *sniper* inimigo.

Estava empoleirado\* na banqueta, vigiando a «terra de ninguém» quando teve a infeliz idea de ir ageitando dois sacos de terra que estavam soltos sôbre o parapeito, preparando uma espécie de seteira por onde julgava poder observar com mais segurança.

De vez em quando enfiava a cabeça e espreitava, sem compreender que, com aquele movimento ora abrindo ora fechando a tal seteira, dava lugar a um efeito de luz que a improvisada seteira fazia realçar, descobrindo fortemente a sua posição.

Tanto espreitou, que uma bala veio cravar-se no parapeito, tão perto do desgraçado, que êle não teve a menor dúvida de que o tiro lhe fôra dirigido, como a não tiveram os camaradas que estavam juntos e logo o felicitaram por ter escapado daquela.

Mas o pobre moço, que devia ter os seus minutos contados, não discorreu sôbre a inconveniência de continuar observando pelo mesmo processo e, voltando a espreitar, caiu redondo, instantes depois, com uma bala que lhe furára a *inteligência* de lado a lado.

A vida prôpriamente das trincheiras, não tem descrição possível, como disse, e o pintor que pretenda abalançar-se a desenhar o quadro com certos visos de verdade, não tem mais do que mergulhar o pincel num alguidar com pó de sapato e... zás, tudo negro de alto a baixo, embrulhando depois a tela numa serapilheira, em homenagem ao saco que nesta guerra de trincheiras foi saco para toda a obra.

\*

\*

\*

Era verdadeiramente espantosa a quantidade de material

de guerra espalhado pela frente de batalha e escalonado em profundidade, esbarrando os nossos olhos, a cada passo, com peças de artilharia de todos os calibres e feitiços e depósitos de munições atacadinhos até à porta, dizendo-se que todo aquele material viria a ter aplicação numa próxima ofensiva dos aliados, em que a passagem à guerra de movimento seria um facto.

Fui dos que nunca se convenceram da possibilidade de vêr quebrada a monotonia estiolante da guerra de trincheiras para se passar, um dia, à guerra de movimento e, com ela, fazer terminar de vez essa luta gigantêscas que vinha ensanguentando a Europa desde 1914 e cujo desfecho, afinal, a todos deixou perplexos pelo imprevisto de que se fez revestir e pelas consequências que vitimaram o maior colosso militar do mundo na sua queda estrondosa no abismo em que se precipitou.

E, para assim julgar, não foram precisos grandes conhecimentos de estratégia, que não tinha, nem altas concepções táticas de que não seria capaz, mas orientado pelo raciocínio que nos levava àquela conclusão a qual, de resto, estava no espírito de muita gente.

O equilíbrio das forças dos dois exércitos em operações era flagrante, e a prova, estava no facto de ambos permanecerem na frente um do outro sem que nenhum dêles se decidisse a lançar-se abertamente na guerra de movimento, para a qual seria necessário um dispêndio de energia que os quatro anos e alguns meses de guerra tornavam impraticáveis.

Mas, como a guerra tinha um dia de chegar ao seu termo, sairia vencedor o exército que tivesse conservado mais íntegras e mais puras as suas forças morais, o que implicitamente punha de parte a guerra de movimento por, naturalmente, não encontrar aquiescência nas hostes onde o desânimo cavára a ruína moral, que mais e mais se esfrangalharia ao têr de abandonar as suas posições, onde durante tanto tempo fizera incidir as suas esperanças, numa resistência que devia ser formidável, a avaliar pelos elementos de defesa que os quatro anos de estagnação deviam ter acumulado.

Ao que se deixasse vencer pela falência das suas reservas morais nada mais restaria do que levantar as mãos e pedir a paz, porque não era a guerra de movimento, imposta pelo outro, que lhe insuflaria o alento, sobretudo, depois de ter sido

desalojado do seu baluarte de defesa, até então considerado inexpugnável.

A olhar um para o outro se conservaram os dois exércitos meses sem fim, sem que se resolvessem ao arranco decisivo.

Ainda se a entrada da América na contenda se tivesse produzido alguns meses atrás, podia ser que a Alemanha ainda estivesse suficientemente vigorosa para aceitar o repto em todos os campos, saindo da toca para terçar as suas armas numa luta mais audaz e mais lial.

Mas, na altura em que essa intervenção se produziu era tarde de mais para que a Alemanha estivesse disposta a arriscar-se à contingência de ver o seu território invadido e, com ele, a derrota material do seu exército já contaminado pelos germens da derrocada moral que, pouco depois, o subvertia totalmente.

Que o pensar-se numa guerra de movimento era um sintoma de vitalidade, não tenho a menor dúvida. Mas que essa passagem viesse a ter efectivação é que falhavam os meus cálculos que, afinal, vieram a ter confirmação na forma como tudo foi resolvido.

Por outro lado, a Alemanha, também não estava em condições de tomar a iniciativa, desde que deixou escapar a ocasião única em que o poderia ter conseguido, como indubitavelmente teria sido o seu objectivo naquela jornada devastadora que quasi a levou às portas de Paris.

Estava, então, a guerra no seu começo, o primeiro esforço da Inglaterra completamente subjugado e a França contorcendo-se na mais periclitante das indecisões, que só a lialdade e a bravura da Bélgica vieram desvanecer num clarão de esperança que iluminou a vitória dos aliados.

E, quando a Alemanha que já de longa data vinha sobreptivamente preparando-se para uma guerra que tinha fatalmente de rebentar, como valvula de segurança que se abria para dar vazão ao seu insaciavel militarismo; quando a Alemanha, como ia dizendo, ainda com a vantagem de ter actuado por surprêsa, não conseguiu furar a muralha humana que, de todos os lados, se erguia à sua passagem, impedindo-a, portanto, de se lançar na guerra de movimento, não era depois que as forças dos aliados se tinham notavelmente refeito dos primeiros re-

vezes, e a tal ponto que a Alemanha recuára em toda a linha, que podíamos pensar na probabilidade de ela nos vir impôr a sua vontade.

\*

\* \*

Ao escrever estes meus apontamentos respigados de algumas páginas do meu diário tive, apenas, em mira viver em alguns momentos os meses que passei em França, onde as horas amargas das trincheiras tiveram justa compensação na alegria plena da minha consciência reconfortada, hoje, com o cumprimento do sagrado Dever que a Pátria exigiu do meu esforço, que em tudo foi prestado com a melhor vontade e os melhores desejos de acertar, e outra não era a minha obrigação.

Escrevi-os com o pensamento firme no batalhão de infantaria 28 onde servi e a êle entrego estas páginas que poderão servir, talvez, de incentivo a alguém que, com mais competência, se disponha a escrever a sua história, onde poderão ser traçados episódios de bravura e de heroísmo que muito conviria pôr em destaque para honra e glória do batalhão.

Para os que tombaram para sempre no campo da Honra numa morte gloriosa, em holocausto da Pátria, o meu culto ardente pela sua memória imorredoura como penhor da minha enternecida saudade.

Maiô de 1919.

LUÍS DO NASCIMENTO DIAS

Major de infantaria



## Capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz

O capitão de fragata Pedro Guilherme dos Santos Diniz, falecido em 3 de janeiro, foi um dos mais ilustres officiaes e um dos mais brilhantes escritores da corporação da Armada.

Tendo assentado praça em 1850, seguiu para a estação naval de Macau em 1859 a bordo da corveta «D. João I». A comissão do pequeno e gracioso navio nos mares do Extremo-Oriente e a viagem da metropole até Macau, constituíram magnifica escola para os guarda-marinhas embarcados na corveta. A passagem do Cabo da Bôa Esperança, feita à moda classica pelas altas latitudes, numa emocionante *corrida* em que o «D. João I» se esquivava com encantadora ligeireza ao embate das vagas; depois, a penosa travessia até aos arquipelagos orientaes com a aguada escassa e grande penuria de generos no paiol; mais tarde, a viagem ao Japão, que o comandante Marques Pereira largamente descreveu no seu relatorio, tudo isso decerto impressionou profundamente a inteligencia do jovem guarda marinha e dos outros officiaes que foram seus companheiros durante aqueles tres annos.

Com que interesse e com que curiosidade teria seguido o comandante Pedro Diniz—já então retirado da actividade do serviço, mas acompanhando sempre com o maior amor os progressos de sua arma—o desenvolvimento do Japão e as vitorias da marinha imperial, ele que conheceu aquele país quando começava a pôr-se em contacto com a civilização occidental, e a marinha japonesa quando os seus vasos de guerra se conservavam obstinadamente encerrados nos portos, com receio da mais pequena avaria que os comandantes pagavam com a cabeça.

Pouco antes de regressar a Lisboa competiu-lhe a promoção a segundo tenente (setembro de 1862). Começou então a sua vida de oficial, repartindo a actividade entre o ensino nas escolas profissionaes (*Escola pratica de artelheria naval e Escola de alunos marinheiros*) e o comando de alguns navios (canhoneira «Guadiana» e vapor «Lynce».

Por duas vezes, quando se tratou da aquisição de navios e material naval, foi encarregado de ir a Inglaterra assistir a esses trabalhos e ás respectivas experiencias. Carlos Testa muito o apreciou nestas comissões, encontrando nele um dos seus melhores auxiliares. Alguns desses navios foram conduzidos para Lisboa pelo comandante Pedro Diniz, que no comando do «Bengo» esteve em Cascaes às ordens de El-Rei, e em Angola.

As mais importantes comissões que o ilustre oficial exerceu em terra, alem daquelas a que já nos referimos, foram as de secretario do Ministro da Marinha e as de Chefe do Estado Maior do Comando Geral da Armada.

Envolvido na vida politica durante uns anos não se afastou, todavia, dos afazeres de sua profissão, acumulando as funções de deputado por Angola com o serviço de que estava encarregado no Ministerio da Marinha.

A sua brilhante folha de serviços regista muitos louvores e dela consta que lhe foram concedidas as medalhas de bons serviços, comportamento exemplar, Aviz e Torre Espada, testemunhos de apreço que, naquela epoca, eram concedidos com grande parcimonia.

Em 1887 retirou-se da actividade do serviço, reformando-se no posto de capitão de fragata; apesar disso, o seu interesse pela Marinha manteve-se sempre inalteravel. As suas cronicas no «Diario de Noticias» eram lidas com verdadeiro interesse porque sabiam harmonizar as gratas recordações da antiga marinha com os ensinamentos dos mais recentes progressos da arte militar naval. Onde quer que fosse que a Marinha pretendesse manifestar a sua vitalidade intelectual e honrar as suas velhas tradições, lá se encontrava o comandante Pedro Diniz encorajando os novos officiaes com a sua palavra e com o seu exemplo. Foi por este motivo que a sua acção não deixou de se fazer sentir na organização do *Congresso marítimo nacional*, de 1902, a que prestou dedicadissima

colaboração contribuindo pela sua parte com um trabalho valioso — **O futuro de Portugal está no mar** — cujo titulo serviu depois de divisa á Liga Naval. Na serie de conferencias que alguns officiaes realizaram tempos depois naquella instituição, ainda se tornou notavel o concurso do comandante Pedro Diniz, que presidiu a muitas delas.

O seu amor pela arma em que tantos anos e tão distintamente trabalhou, os seus profundos conhecimentos das cousas de marinha, sempre mantidos em dia por meio duma assidua leitura dos melhores livros e revistas da especialidade, a prudencia e o tacto com que se houvera em todas as conjuncturas, foram justamente apreçados pelo Governo, nomeando-o para fazer parte da grande comissão que aí por 1904, foi encarregada de estudar a reorganização da Armada, não obstante estar ha bastantes anos na situação de reformado.

São estes os traços mais salientes da vida official do nosso illustre consocio, a quem a *Revista Militar* tambem deveu importantes serviços.



## Obras Oferecidas

I Academia das Sciencias de Lisboa—F. Sá Chaves—**Subsidios para a Historia Militar das nossas Lutas Civis** (*As Campanhas de meu Pai*)—Vol. II.—*A Campanha da Poeira (1823)—A Abrilada (1824)—De Armas Ensarihadas (1824-1826)*—Coimbra, 1918—1 vol (0<sup>m</sup>,25 × 0<sup>m</sup>,17) de 541 pag.

Com que saudade recebemos e lêmos o volume, do qual neste momento acusâmos a publicação! Ainda parece que estamos vendo ao nosso lado, acompanhando-nos e ilustrando-nos com o seu sempre sensato parecer, o autor, nosso querido confrade nos trabalhos da direcção deste jornal, que ele tanto presáva, e que distinguiu durante bastantes anos, com a sua colaboração, sempre interessante e esclarecida!

Não quis a Providencia, que ele continuasse a honrar o exercito, de que era digno ornamento, com a sua infatigavel actividade, em que conjuntamente se revelavam provados dotes militares e larga cultura de espirito. No quartel, á frente das unidades do seu comando, como nos trabalhos de gabinete, o seu labôr era incessante, porque neste encontrava a unica felicidade da vida.

A obra, de que agora viu a publicidade o volume presente, era a que nos ultimos dias da sua vida concitava a sua especial atenção.

Ao seu desenvolvimento e conclusão votava a melhor intensidade do seu trabalho, dispendendo na sua urdídura incriveis esforços, que só poderão ser bem avaliados por quem veriücar a quantidade de estudos historicos, que ele havia compulsado, citando-os, a fim de melhor evidenciar perante o leitor os costumes e os caracteres da época, que punha todo o esmero em reproduzir.

Uma nota, lançada no final do volume pelo preclaro secretario da Academia das Sciencias de Lisboa, informa que o autor não chegou a terminar a obra, que se propunha escrever, e que este 2.º volume será o o ultimo a ser publicado. Nem sequer deste chegou a revêr as provas, como tanto desejava!

Só depois de lêr as suas paginas, é que se compreende toda a magoa que uma tal declaração produz, porque a obra concebida era daquelas que ministrariam interessantes esclarecimentos, a quem de futuro se propuzesse estudar devidamente a historia do nosso país na epoca em questão. Agradecendo á inconsolavel viuva do autor a oferta dos *Subsi-*

*diós para a Historia Militar das nossas Lutas Civis*, podemos assegurar-lhe, que nesta redacção se guarda vivida a consideração pela memoria do seu autor.

- 2 Cap. Eduardo Picaluga—**Sinopse da Legislação Militar da Metropole e das Colonias**.—Em vigor em 31 de dezembro de 1918. Edição de 1919. Lisboa, 1919. 1 vol, (0,<sup>m</sup>23 × 0,<sup>m</sup>14) de 271 pag.

É um dos livros mais necessarios a todos quantos pela natureza das funções officiais, que desempenham, ou pela qualidade dos seus estudos, necessitam conhecer devidamente a organização dos diferentes serviços. No inextrincavel estado de confusão, em que nos lançou a mais emaranhada e prolixa legislação militar, o livro do capitão Picaluga constitue o piloto mais fiel, que se póde encontrar para nos levar a porto de salvamento. Bom serviço presta o autor aos seus camaradas esmerando-se em aperfeiçoar, cada ano mais, esse seu utilisimo trabalho, que hoje é inseparavel de quantos se dedicam zelosamente ao exercicio da profissão militar. Bem ordenada, nitidamente impressa, com a mais clara exposição, a *Sinopse*, que anunciamos, possui todas as condições para auxiliar e agradar, pelo que se torna justo felicitar o seu autor.

M. S.

- 3 1919. **Almanaque Militar**. *Pequeña enciclopedia dedicada al ejército nacional, editada bajo la dirección del General Francisco L. Urquiza, con la colaboración de los ciudadanos T.<sup>1.º</sup> cor. Fernando Orozco y Berra y Capitán Francisco Lazcano*—Mexico,—1 grosso vol. semi numerção de pag., (0<sup>m</sup>,19 × 0<sup>m</sup>,135) illustrado com numerosas gravuras.

Chegado já tarde às nossas mãos em consequencia das irregularidades que aos transportes trouxe a guerra, e afazeres inadiaveis, tudo correu para que só hoje anunciemos aos nossos leitores este precioso almanaque, que se nos afigura ser um dos mais completos para a nossa classe, e que é de esperar não deixe de voltar a aparecer este ano.

Os proprios autores nos dão o plano e razão de ser do seu trabalho, nestes termos: «Ha já algum tempo, que haviamos acariciado em a nossa mente a idéa de publicar uma enciclopedia popular que se occupasse na sua maior parte de assuntos nitidamente militares, assim como de alguns conhecimentos de utilidade geral, a fim de puder servir como de  *carnet*  do official durante um ano, facilitando a sua obrigação e prestando-se ao registo de todos os dados cronologicos, que tão necessarios são conservar, para num momento dado poder consultar e testificar com factos irrecusaveis e precisos os serviços que haja prestado, as commissões que desempenhou, e todas as mais circunstancias proprias dessa vida de quartel e de campanha que é a carreira militar...

Os auctores satisfizeram conscienciosamente o seu desejo com o **Almanaque Militar**, pelo que os felicitamos, confessando-nos ansiosos pelo volume do novo ano.

- 4 Capitão-tenente do Corpo da Armada, Eduardo de Brito e Cunha (Diplomado pelas escolas profissionais de torpedos e artilhar'a naval, professor da Escola Naval de Guerra)—**Organização Naval**.—Rio de Janeiro, 1918.—1 vol. (0<sup>m</sup>,215 × 0<sup>m</sup>,15) de 299 pag.

E' o nosso prezado camarada sr. Eduardo de Brito e Cunha um dos professores mais prestimosos da Escola Naval da nação irmã, e este seu trabalho confirma-lhe os creditos que já usufrue de brilhante ornamento da Armada brasileira.

A **Organização Naval** é um resumo de prelecções feitas na Escola Naval de Guerra de 1914 a 1917, cujo assunto se torna duplamente importante pela historia que contem dos ultimos tres anos. A *Revista Militar* publicou já em 1918, tomada da *Revista do Instituto dos Docentes Militares*, do Rio de Janeiro, a conferencia *Genese e evolução historica do Almirantado Inglês*. Tiveram, pois, os nossos leitores já occasião de poder apreciar o valor do estudo de tão distinto official.

O comandante Philip Willians, primeiro professor de tactica, estrategica e Jogo de Guerra da Escola Naval de Guerra, do Rio de Janeiro, que em 1917 seguiu para os Estados Unidos onde lhe foi confiado o comando do cruzador *Chester* em operações de guerra, prefaciando este livro diz: «Abordando o assunto como fez, extraordinariamente bem aparelhado, V. trabalhou, estudou, e falou até que o resultado se tornou uma série de conferencias excepcionalmente bem consideradas e profundamente estudadas.»

E' precisamente a impressão que nos dá a leitura do livro do sr Brito e Cunha, que sinceramente cumprimentamos pelo seu valioso trabalho, agradecendo a amabilidade da sua oferta, expressa em termos de simpatia que muito nos cativaram.

- 5 *Observatorio astronomico de Lisboa* (Tapada).—**Dados astronomicos para os almanaques de 1920 (bissexto) para Portugal**.—Lisboa.—1918, Preço: 20 cts. 1 opusc. (0<sup>m</sup>,24 × 6<sup>m</sup>,15) de 41 pag.

E' a quarta publicação desta especie, que prosseguindo a tentativa iniciada para 1917, sob a douta direcção do 2.<sup>o</sup> astronomico sr. Frederico Oom, se destina a satisfazer a constante necessidade a que o observatorio vem obviando ha mais de quarenta anos, de facultar aos editores ou compiladores de almanaques, e ao publico geralmente, os Dados Astronomicos mais indispensaveis, que as grandes Efemerides só inserem para a Terra em geral, e que por consequencia teem de ser delas deduzidas para servirem especialmente em cada região ou até em cada localidade.

Coroando as informações e quadros que justificam o titulo do opusculo, um apendice, em que se trata das *constelações* com aquela proficiencia universalmente conhecida no autor, o insigne astronomico sr. Frederico Oom, nos instrue como os nomes das constelações e sua propria existencia teem uma razão de ser historica; como foram imprescindiveis para a enumeração e nomenclatura dos astros; e são ainda hoje um ele-

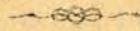
mento vantajoso, muitas vezes aproveitavel, de conhecer o vestigio venerando de progredir incessante do espirito humano na sua ansia de saber perenemente insaciavel, conforme as proprias palavras do sabio autor.

Agradecendo o exemplar recebido, parece-nos estarem realizados os votos que a *Revista Militar* emitiu em 1917 para que a sanção da experiencia demostrassee a utilidade' desta publicação para os especialistas, visto a segurança dos dados oferecidos estar caucionada pela autoridade do seu director.

A.

Almanaque

Almanaque de grande utilidade para os militares e civis, contendo informações de grande interesse sobre a situação política, econômica e social do Brasil e do mundo. O almanaque é dividido em volumes para cada ano, permitindo a consulta rápida e fácil de dados importantes. O conteúdo inclui notícias, estatísticas, biografias e outros dados relevantes para a época.



Almanaque

Almanaque de grande utilidade para os militares e civis, contendo informações de grande interesse sobre a situação política, econômica e social do Brasil e do mundo. O almanaque é dividido em volumes para cada ano, permitindo a consulta rápida e fácil de dados importantes. O conteúdo inclui notícias, estatísticas, biografias e outros dados relevantes para a época.

# CRÓNICA MILITAR

## Alemanha

**As perdas alemãs na grande guerra.** — As perdas alemãs podem calcular-se em: 1.600.000 mortos, 4.000.000 de feridos, 203.000 desaparecidos. Foram mobilizados 10.000.000 de homens.

A Inglaterra mobilizou 8.000.000 homens, tendo tido: 658.704 mortos (37.876 oficiais); 2.032.142 de feridos (92.664 oficiais); e 359.000 (12.394 oficiais) desaparecidos.

Das diferentes nações beligerantes, tomaram parte na luta 48 milhões, ou sejam 7,5 % da população das ditas nações. O numero total dos mortos é de 8 milhões e o de feridos foi de 32 milhões.

As despesas com a guerra ascendem a 800.000 milhões de francos, pertencendo á Inglaterra 212.000. Isto representa uma capitação de 1.250 francos para o conjunto dos países beligerantes e 3.225 por cidadão inglês.

A estas despesas ainda se deve juntar os prejuizos nas regiões devastadas e as pensões concedidas às vitimas da guerra.

## Austria

**O sismografo para determinar a posição da artilharia inimiga.** — Já em 1916 algumas *Revistas* davam a noticia que o professor Belar, director do observatorio sismico de Lubiana, propusera o emprego de estações sismograficas, dotadas com aparelhos muito sensiveis, para determinar a *posição* e ainda o *calibre* da artilharia inimiga em actividade. Havia quem puzesse em duvida a possibilidade dessa determinação; mas está averiguado que os austriacos empregaram com exito durante a guerra o sismografo, como o ideara Belar, sobre a frente do Isonzo. Assim com aparelhos sismicos obtiveram durante violentos combates de artilharia diagramas, que permitiram recolher dados muito notaveis. Com os graficos obtidos se puderam determinar com segurança, não só a posição e o numero de bocas de fogo inimigas, mas ainda o seu calibre, o momento da execução de cada tiro, e portanto a rapidez de tiro das diversas batarias.

O sismograma apresenta uma curva muito caracteristica, na qual se encontram traçadas, a começar da origem, primeiro as vibrações produzidas pelo tiro, depois as produzidas pelo movimento do projectil no ar, e por fim as produzidas no momento da queda. As ondulações que representam este grafico variam de forma segundo o calibre da boca de fogo, visto que as vi-

brações produzidas no sólo pelos tiros de uma peça de 7,<sup>cm</sup>5 são muito distintas das produzidas por uma peça de sitio ou por um morteiro de 30,<sup>cm</sup>5. O sismograma dá ainda indicações para se poder deduzir o calibre da boca de fogo, podendo-se determinar com sufficiente aproximação a direcção donde procedem as vibrações. Os dados são facteis de determinar até á distancia de 20 Km. (*Revista di Artiglieria e Genio*).

## Espanha

**Escola superior de guerra.**—Para as provas de admissão á escola superior de guerra foram publicados o *tema tactico* a resolver e os *problemas de trigonometria*.

### I — Problema tactico

**Situação.**—Forças inimigas encontram-se em Buitrago e seus arredores.

Forças amigas estão acantonadas em Cabanillas de la Sierra, Redueña e Venturada, recebendo ordem para se porem em marcha ao encontro do inimigo.

—Para realizar a operação se dispõe de um batalhão com 4 companhias de fuzileiros e uma de metralhadoras, uma secção de explosivos e o T. C. do batalhão, e um esquadrão de cavalaria com 4 pelotões e 3 viaturas, uma bateria ligeira com o seu 2.<sup>o</sup> escalão, e 2 carros Lonher, destacados da ambulancia. Estas forças constituem a vanguarda de uma coluna, cuja flecha partiu de Cabanillas de la Sierra ás 6 horas, pela estrada Madrid-Francia por Buitrago. Quando esta chega ao kilometro 64, recebe tiros do inimigo, tendo de se desenvolver, procurando esta vanguarda ocupar as melhores posições e a maior frente possivel, devendo ser reforçada para o combate com o grosso da coluna. A velocidade da infantaria é de 4 km. As folhas da carta 1/50.000 n.<sup>os</sup> 484 e 509 do Instituto geografico são as empregadas.

**Questões a resolver:**—1.<sup>o</sup> ordens para a organização da vanguarda dadas no dia anterior; 2.<sup>o</sup>—Situação de cada um dos elementos da coluna no momento em que é atacada; 3.<sup>o</sup>—Hora a que receberá o comandante da vanguarda, que marcha com o grosso desta, a noticia do contacto; 4.<sup>o</sup>—Ordens de desenvolvimento dadas ás diversas fracções e horas em que estas ocuparão as suas posições; 5.<sup>o</sup>—Comunicação enviada pelo comandante da vanguarda ao comandante da coluna, que se supõe marchar a 1 km atrás do ultimo elemento da vanguarda, e calculo do tempo em que este comandante receberá a comunicação, enviada por uma ordenança de cavalaria; 6.<sup>o</sup>—Perfil ou perfis das posições ocupadas pela vanguarda no seu desenvolvimento.

(Tempo maximo concedido para a resolução, 4 horas).

### II — Trigonometria

a) Resolução de um *triangulo esferico*, sendo os dados angulares expressos na divisão sexagesimal, e determinar os elementos deste triangulo na esfera de raio R, expressando-se os lados em comprimento e os angulos em divisão centesimal.

b) Resolução de um *triangulo rectilineo*, estando os angulos expressos em divisão centesimal e supondo que os lados são comprimentos de arco de circulo maximo na esfera de raio R, determinando-se o seu valor em *arco*, em expressão sexagesimal.

Observação -Para os calculos logarithmicos serão empregadas as *taboas de Calet* com 7 casas decimais.

## Estados- Unidos

**Nova organização do exercito.**—Sob proposta do chefe do Estado Maior do Exercito, o general March, e ainda ao abrigo das autorizações de 18 de maio de 1917 e de 9 de julho de 1918, o Presidente ha determinado que as forças do exercito sejam repartidas em 5 corpos de exercito com 25 divisões de infantaria e 1 divisão de cavalaria.

Cada divisão será constituída por :

Um estado maior ;

Um batalhão autonomo de metralhadoras ;

Duas brigadas de infantaria, cada uma com 2 regimentos e um batalhão de metralhadoras ;

Tres regimentos de artilharia de campanha, constituindo uma brigada ;

Um regimento de cavalaria ;

Um regimento de engenharia com o respectivo trem ;

Um batalhão do corpo de sinaleiros ;

Um comando do trem com um destacamento de policia e com as secções de trem para o transporte das munições, dos viveres, e do material sanitario.

Cada divisão poderá dispôr dentro da região que lhe é assinalada de um campo de instrução, os quais estão distribuidos por todo o territorio dos Estados- Unidos.

A força do exercito no pé de paz será de 509.000 homens e 28.500 officais. O orçamento do Ministerio da Guerra é calculado em 1.900 milhões de *dollars*.

A marinha fica no pé de paz com 250.000 homens.

A brigada de artilharia divisionaria terá : um regimento com peças de campanha de tracção hipomovel : outro regimento com peças de campanha de tracção automovel ; e o terceiro regimento com bocas de fogo de medio e grosso calibre, de tracção mecanica. (*Revista di Artiglieria e Genio*).

**Officiais de complemento.**—Em virtude das lições da guerra finda, os E. Unidos que, ao começar a guerra, dispunham de 370 officais de artilharia, e que se viram obrigados a arranjar 25.000, tendo a universidade de Yale fornecido 1.000, tratam agora de evitar que, numa futura guerra, não se encontrem com grandes dificuldades em obter officais de artilharia, e para isso foi determinada a criação de uma unidade de artilharia junto de 25 universidades e de outros estabelecimentos de instrução superior, para ministrarem a instrução a 100 alunos em cada uma destas unidades, que serão officais de complemento e estarão durante 10 anos obrigados ao serviço militar.

**Uma nova espingarda para a infantaria.**—Está-se procedendo ao estudo de uma espingarda automática, ou semi-automática, como consequência das lições da última guerra, que mostrou a necessidade de se substituir o actual armamento de infantaria.

A nova espingarda terá as seguintes características :

Peso 4 kg.; calibre não superior a 6,5 m/m; peso da bala 9,87; velocidade inicial 915 m/s.

A trajetória será muito tensa, pois á distancia de 900<sup>m</sup> a ordenada não excederá a altura de um homem de estatura média. A eficacia do fogo de um batalhão armado com a nova espingarda corresponde á que tem actualmente um regimento com o armamento moderno.

Procura-se tambem obter uma metralhadora de maior potencia para melhor combater os carros de assalto.

**A radiotelephonia como meio de dirigir o tiro de um aeroplano.**—Na escola de tiro de *Fort Sill* foram feitas experiencias com excelentes resultados, empregando-se a radiotelephonia num aeroplano para a direcção do tiro de artilharia. Nas observações aereas notava-se a demora como se faziam as communicações pela T. S. F. A radiotelephonia permite ter communicações interruptas nos dois sentidos, entre as baterias e o observador aereo, eliminando as probabilidades de erro, economizando o tempo que se levava em decifrar a communicação, e permitindo ao observador de dar informações mais completas. As experiencias mostraram que um oficial pode com facilidade dirigir o tiro de 2 ou 3 baterias. Com um pessoal exercitado pode-se em 20 minutos regular e executar o tiro sobre um alvo, e em 3 ou 4 minutos no tiro de zonas.

A radiotelephonia pode ser empregada a grande distancia, pois nos Estados-Unidos fizeram-se experiencias com um hidro-avião, que communicou á distancia de 150 milhas pela radiotelephonia. (*Revista di Artiglieria e Genio*).

**As fabricas de armas e munições depois da guerra.**—Segundo o «*Army and Navy Journal*», nem todas as fabricas, que durante a guerra se empregavam no fabrico de armas e munições, foram desmobilizadas. Segundo um projecto elaborado pelo chefe da Repartição do material de guerra e aprovado pelo Secretario do Ministerio da Guerra, uma parte daquelas fabricas são mantidas em elaboraçao para as necessidades ordinarias e outras são conservadas em reserva, mas prontas a funcionar á primeira ordem. Vae-se mesmo substituir os maquinismos considerados velhos, por outros mais modernos. Vão merecer os maiores cuidados principalmente, as fabricas destinadas á construcção das bocas de fogo, e aos freios e recuperadores, pois exigem operarios com pratica especial.

Já não succede o mesmo com as fabricas de reparos e de viaturas, pois facilmente se pode obter este material na industria particular.

São conservados em elaboraçao: o arsenal de Waterwliet, destinado ao fabrico de canhões; o arsenal de Rock Island, destinado á construcção de reparos de artilharia ligeira e dos seus freios; o arsenal de Watertown para peças pesadas de sitio e de costa e material ferro-viário correspondente; o arsenal de Frankford, destinado ao fabrico de cartuchos das armas portateis,

cuja produção é de um milhão por dia eom 8 horas de trabalho, produzindo também projecteis de bocas de fogo até ao calibre de 42<sup>cm</sup>.

Serão mantidos em reserva, com as necessarias guardas de vigilancia : o arsenal de Old Hickory, onde se fabrica polvora sem fumo, conservando as maquinas necessarias para uma produção de 400 T. por dia; o arsenal de Amatol, para o carregamento de projecteis com poderosos explosivos; o arsenal de Tullytown para o carregamento de cartuchos; nas fabricas de Chicago, onde ha vastos depositos, será conservado abundante material para o fabrico de munições, que de um momento para outro pode produzir 50 % do que produzia antes do armistício.

Como se vê, os E. Unidos estão longe de pensar na paz perpetua, antes está esta nação precavida para uma proxima e eminente guerra.

**A artilharia americana em França.**—No *quartel general* de exercito havia um *comando de artilharia*, que era dividido em 4 repartições, tratando respectivamente de :

- a) Organização.
- b) Instrução.
- c) Material.
- d) Abastecimentos.

A artilharia compreendia 3 especies :

- a) Artilharia divisionaria ;
- b) Artilharia de corpo de exercito ;
- c) Artilharia de exercito.

A *artilharia divisionaria* era constituída por uma brigada com 3 regimentos e estes a 6 baterias de 4 peças.

Dois regimentos tinham peças de 7,<sup>cm5</sup> e o 3.<sup>o</sup> era dotado com obuzes ligeiros de 15<sup>cm</sup>.

A divisão dispunha ainda de uma *bateria de 12 morteiros ligeiros de trincheira*.

A *artilharia de corpo* era constituída por uma brigada de 48 peças de 10,<sup>cm5</sup> e de 15<sup>cm</sup>; e uma brigada de 24 *morteiros pesados* de trincheira. Cada bateria de morteiros tinha 2 destas bocas de fogo.

A *artilharia de exercito* era constituída por 4 brigadas com 72 peças de grande alcance, de 12,<sup>cm5</sup> e 17,<sup>cm5</sup> (5 e 7 polegadas), por brigada; e outras 4 brigadas de 72 obuzes pesados de 20<sup>cm</sup> e 25<sup>cm</sup> (8 e 9,2 polegadas) por brigada. Cada exercito tinha assim 8 brigadas de artilharia de exercito.

Havia ainda a *artilharia sobre via ferrea, de grande potencia*, correspondendo 2 brigadas de 72 peças por cada exercito. Esta artilharia era constituída por obuzes de 30 e 40<sup>cm</sup> e peças de 20 e 35<sup>cm</sup>.

A *artilharia antiaerea* dividia-se em *movel* e *semi-fixa*, e a sua organização variava com a natureza do sector a que pertencia.

A artilharia *semi-fixa* era constituída por unidades de 8 peças de 7,<sup>cm5</sup> e 3 projectores. A *movel* compreendia 8 unidades de 8 peças de 7,<sup>cm5</sup>, e 5 batalhões de 28 metralhadoras cada um e 10 companhias de 15 projectores por cada exercito.

Em geral, no conjunto, havia 1 peça, 1 companhia de 4 metralhadoras e 1 projector por cada kilometro de frente.

Podemos, pois, formar o seguinte quadro :

Art. <sup>a</sup> divisionaria.....	}	Peças de 75, <sup>cm</sup> 5.....	48
		Obuzes de 15 <sup>cm</sup> .....	24
		Morteiros ligeiros de trincheira.....	12
		Total.....	84
Art. <sup>a</sup> de corpo.....	}	Peças de calibre medio.....	48
		Morteiros ligeiros de trincheira.....	24
		Total.....	72
Art. <sup>a</sup> de exercito.....	}	Peças pesadas.....	288
		Obuzes pesados.....	288
		Peças de grande potencia em via ferrrea....	144
		Peças anti-aereas de 7, <sup>cm</sup> 5.....	64
	Total.....	784	

Ora como um exercito comprehendia, em geral, 3 corpos de exercito, e estes eram a 5 divisões, tinhamos uma proporção de 152 peças por divisão, ou seja 12,6 peças por cada 1.000 espingardas de infantaria. (Memorial de Artelharia, agosto, 1919).

## França

**As realidades da guerra.** — Só agora o *Journal Officiel* está publicando as actas das sessões secretas da câmara, e que tiveram lugar durante os 4 anos de guerra. Se o país tivesse conhecimento das declarações feitas nessas sessões, por certo que a sua resistência moral teria sido muito enfraquecida, e não sabemos se resistiria por tanto tempo a suportar a guerra.

Assim, na sessão de 16 de junho de 1916, M. Maginot declarava que durante os 20 primeiros meses de guerra o exército francês tinha já tido 16.964 officiaes mortos, 28.410 feridos e 5.467 desaparecidos; 597.915 soldados mortos, 979.555 feridos e 392.651 desaparecidos. Vê-se por estes dados, que as perdas sofridas neste período da guerra foram superiores às dos anos de 1917 e 1918, isto é, durante o período em que a guerra tomou o carácter ofensivo. Isto é bastante eloquente. O método defensivo do marechal Joffre custou mais perdas que o método ofensivo do marechal Foch.

— Abel Ferry, que morreu na frente, declarou numa outra sessão que os ataques da Argonne e bosque de Grurie tinham custado 40.000 homens ; a defesa de Vauquois, 12 000 ; os combates de Eparges, 35.000 ; os dos bosques de Ailly e de Le Pêlre 60.000 !

— Segundo as declarações do general Roques em junho de 1916, sendo então ministro da guerra, os ataques contra Verdun, iniciados a 21 de fevereiro de 1916, custaram aos franceses 200.000 homens, e aos alemães 350.000.

Também se reconheceu que os franceses não foram surpreendidos por êsses ataques, que eram já esperados e para isso estavam preparados, pois Castelnau desde dezembro de 1915 que era informado dos preparativos alemães em frente de Verdun, e organizava a defesa. Os franceses foram surpreendidos porém, pelos métodos de ataque que então empregaram os alemães.

## Italia

**As perdas sofridas na guerra pelo exercito italiano.**— Segundo documentos officiais, o exercito italiano teve 330.000 mortos e 947.000 feridos e desaparecidos. O efectivo mobilizado foi de 1.694.000 homens.

A infantaria teve 40 % de baixas (mortos e feridos); a cavalaria, 16 %; a artilharia, 14 %; a engenharia, 15 %; e 15 % para os diversos serviços.

**Contra os carros de assalto.**— Para deter os tanks na sua marcha, os alemães recorreram ao emprego de trincheiras com 4,<sup>m</sup>20 de largura e 2,<sup>m</sup>40 de profundidade, tendo 1,<sup>m</sup>20 o parapeito e com um talude quasi vertical.

**Preço dos tiros na artilharia.**— Cada tiro das peças de 42<sup>cm</sup> (Berta) custava 11.000 francos. Nas grandes peças de marinha alemãs, cada tiro custava 8.500 francos. Nas peças francesas de 34<sup>cm</sup> custava 5.800 francos, e nas de 30<sup>cm</sup>; 4.690 francos. (Memorial de Infantaria).

## Suissa

**Metralhadoras de infantaria.**— No exercito suiso as metralhadoras de infantaria constituem *companhias* e *grupos montados*.

As *companhias* estão distribuidas a razão de uma por cada *batalhão*.

Nos batalhões de linha cada companhia tem : 1 capitão, 4 tenentes, 4 sargentos, 8 cabos, 1 cabo e 6 soldados espingardeiros, 50 serventes, 30 condutores, 1 rancheiro, 1 corrieiro, 1 ferrador, 1 enfermeiro; 6 metralhadoras, 6 carros para as metralhadoras, 14 carros de munições, 3 carros de secção, 3 carros de ferramenta, 3 forgoes e 1 cozinha rodada.

Os carros de metralhadoras, de munições e de secção teem um cavalo, e os restantes são tirados a 2 cavalos. Os carros de munições levam 5.000 cartuchos (20 caixas de fitas) e os de secção 2.250 cartuchos e peças de reserva.

2 carros de munições formam o 2.<sup>o</sup> escalão de remuniamento, levando 17.280 cartuchos cada um. O carro de ferramentas leva uma metralhadora de reserva e material de espingardeiro. O pessoal é armado de carabina.

Cada metralhadora dispõe de 11.000 cartuchos no 1.<sup>o</sup> escalão e de 5.750 no 2.<sup>o</sup> escalão. Os cavalos de tiro podem efectuar o transporte a dôrso, quando seja necessário.

— As *companhias de montanha* teem composição identica, mas as metralhadoras são dotadas de um *escudo* e são transportadas a dôrso.

— Os *grupos montados* são cada um a 3 companhias, a 6 metralhadoras.

Cada grupo tem: *Estado maior*—1 major, 1 tenente ajudante, 1 médico, 1 veterinário, 1 ciclista, 1 ordenança, 3 impedidos e 1 carro.

Cada *companhia* tem: 1 capitão, 4 tenentes, 2 1.<sup>os</sup> sargentos, 4 2.<sup>os</sup> sargentos, 10 cabos, e 1 cabo e 6 soldados espingardeiros, 50 serventes, 39 condutores, 1 rancheiro, 1 corrieiro, 1 clarim, 1 enfermeiro e 1 ferrador; 6 metralhadoras, 6 carros para estas (a 4 cavalos), 6 carros de munições (a 4 cavalos), 1 carro de ferramentas (a 4 cavalos), 1 cozinha rodada (a 2 cavalos), 1 forção e 1 carro de viveres (a 2 cavalos). Total—5 oficiais, 117 praças de pré, 15 cavalos de séla, 58 cavalos de tiro, 16 viaturas e 6 metralhasoras.

—O *armão* do carro de metralhadoras leva 8.000 cartuchos e no reparo vai a metralhadora e seu tripé, um depósito de água e peças de sobressaiente.

Os carros de munições levam 9.600 cartuchos, peças de reserva, óleo, água e álcool. A companhia dispõe de 48.000 cartuchos nos armões e 57.600 nos cofres, o que dá um total de 105.600, ou sejam 17.600 por metralhadora.

—*Oficiais comissionados em França.*—Diversas missões de oficiais tem sido já enviadas a visitar os mais importantes campos de batalha da última guerra; mas o *departamento da guerra* vai enviar oficiais das diversas armas a tirocinar nos regimentos franceses, devendo outros seguir os cursos da Escola superior de guerra e das escolas militares.

Já antes da guerra procedia-se assim em vários exércitos, como tinha lugar no exército espanhol, que enviava a França e à Alemanha oficiais de tódas as armas a praticar.

Em 1907-1908 também em Portugal se tentou enviar a França oficiais das diversas armas, e até, quem escreve estas linhas, conseguiu a necessária autorização do Ministro da Guerra francês, por intermédio do então coronel do Estado maior, Chéré; mas... a rotina pôde mais do que os bons desejos de quem se interessava pela instrução e progressos do nosso exército.

## Diversos

**O pára-quédas Torquins Greco.**—O aviador argentino Torquins Greco há inventado um pára-quédas com o qual fez maravilhosas experiências, dando o mais completo resultado.

Uma dessas experiências teve lugar no dia 1 de novembro em S. Sebastian, tendo-se reunido no *Passeio do Príncipe das Astúrias* umas 30.000 pessoas para presenciar o emprêgo do pára-quédas. O aviador Greco, às 13 horas, voando num biplano francês de João Bayer, lançou-se dele à altura de 1.590 metros. O tempo decorrido entre o momento em que o arrojado aviador se lançou do biplano para o mar até que se abrisse o pára-quédas foi de uma emoção empolgante. Logo que o aparelho se abriu, o movimento descendencial fez-se com regular lentidão até que começou a flutuar no mar.

O aviador Greco foi muito ovacionado pelo seu invento.

Greco serviu por algum tempo como oficial aviador no exército italiano durante a guerra.

**A nação lituana.**—Confinando com a Prússia Oriental, a Lituania procura constituir um estado independente. Compreende 3 províncias— a de *Kowno*,

a de *Vilna* e a de *Grodno*—e o govêrno de *Suwalki*. Somente a província de *Kowno* é essencialmente lituana, pois, tendo 1.850.000 habitantes, uns 66 % são lituanos, havendo 13 a 14 % de judeus, 16 % de polacos e 4 % de russos.

Na província de *Vilna*, que é a mais povoada, só há maioria lituana nos distritos limitrofes de *Kowno*, onde há uns 18 %, sendo o distrito de *Troki* aquele onde essa maioria mais se manifesta. Na cidade e distrito de *Vilna* a maioria da população é polaca e judia, sendo em número reduzido os lituanos.

Na província de *Grodno* é pequeno o número de lituanos, que ocupam principalmente as margens do *Niemen*.

No govêrno de *Suwalki* é que existem uns 345.000 lituanos, ou sejam 53 % da população total. O idioma lituano distingue-se dos outros idiomas eslavos. Se os lituanos, se unissem à *Polonia*, como noutros tempos, o estado polaco-lituano adquiriria bastante importância.

#### **O projecto de orçamento espanhol para 1920-21.**

O ministro das finanças apresentou às Câmaras o novo projecto de orçamento para o ano económico de 1920-1921.

Os créditos para a totalidade dos serviços ascendem a 2.373.155.303 pesetas, assim distribuídas :

##### **a) Obrigações gerais do Estado :**

Casa real, 9.317.083 pesetas; corpos legislativos, 2.805.748; dívida pública e do tesouro, 535.107.801; classes inactivas, 87.700.000.

##### **b) Obrigações dos diferentes ministérios :**

Presidência do Conselho de Ministros, 1.039.500; Ministério dos Estrangeiros, 22.299.501; M.º da Justiça, 82.883.355; M.º da Guerra, 415.167.826; M.º da Marinha, 115.323.791; M.º da Governação, 210.765.986; M.º da Instrução pública e belas artes, 139.532.318; M.º do Fomento, 375.013.381; M.º dos Abastecimentos, 2.810.000; M.º da Fazenda, 34.972.896; Contribuições e rendas públicas, 177.765.457; Possessões do Golfo de Guiné, 2.358.738; Marrocos, 158.291.740. Total 1.738.224.670.

As receitas são computadas em 1.962.830.572 pesetas, sendo : Contribuições directas, 787.990.068; indirectas, 715.645.000; monopólios, 397.989.000; propriedades e direitos do Estado, 61.206.504.

Há, portanto, um *deficit* de 410.324.731 pesetas.

É por isso que no reino vizinho se diz que o Estado está pobre, enquanto que a riqueza pública tem aumentado.

Se do nosso país se pudesse dizer a mesma cousa... ainda seria um consôlo.

# CRÓNICA MARITIMA

## Inglaterra

**A dragagem de minas durante a guerra.**—Começam agora a tornar-se publicos os processos empregados pelos beligerantes na realização das operações navaes durante a Grande Guerra. Pelo que se refere aos campos de minas, o que se vae apurando é já muito interessante, especialmente para as pequenas nações que não estejam resolvidas a abandonar a defesa das suas fronteiras maritimas, prescindido de aproveitar os elementos que a sciencia prodigamento vae pondo dia a dia á sua disposição.

A imprensa de especialidade tem-se referido minuciosamente á organização da grande barreira de minas do Mar do Norte, trabalho em que muito se distinguiu como é sabido, a marinha dos Estados Unidos; mas não é a esse aspecto particular do emprego das minas na guerra maritimas que vamos a seguir dedicar algumas palavras. Para o que desejamos chamar a atenção dos nossos leitores, é para a evolução realizada na Gran-Bretanha, na escolha do tipo de navios affectos á rocega de minas.

Segundo se lê no n.º 542 de *The Times engineering supplement*, ao começarem as hostilidades, a marinha inglesa possuía somente para este serviço seis velhas canhoneiras de mais de 25 anos de idade, e de uma reserva de *trawlers*, que se supunha serem os navios mais aptos para realizarem aquela perigosa missão. Nestas condições, dado o grande desenvolvimento com que os alemães empregaram as minas, a marinha inglesa encontrou-se desde o principio de guerra numa situação difficil, a que o almirante Jellicoe amplamente se refere no seu livro. Tão grande era falta de draga-minas que a *Grand Fleet* foi obrigada algumas vezes a fazer-se preceder por velhos couraçados, destinados a abrirem-lhe o caminho que barcos especiaes, se os houvesse, deveriam ter limpo.

O articulista a proposito deste facto, faz notar que varias auctoridades já tinham feito salientar com bastante antecedencia a neccessidade de se aumentar o numero de draga-minas e de se estudar o melhor tipo de navios para esse serviço, mas que taes sugestões não foram atendidas. Aproximando esta curiosa declaração de outras feitas anteriormente, conclue-se que a preparação militar da marinha britanica para a guerra não era tão perfeita e completa quanto se deveria supôr.

A deficiencia de draga-minas que se sentiu no principio da guerra foi compensada nos primeiros tempos com o aproveitamento de maior numero de *trewlers* e outros pequenos vapores, que todavia estavam muito longe de corresponder satisfatoriamente ao que deles era exigido.

A flotilha de draga *minas* foi ainda por aquele tempo reforçada com 16 *destroyers*, o que constituiu um expediente de ocasião, visto que estes navios nem para o serviço da esquadra eram em numero suficiente.

Quando posteriormente foi abandonado o projecto do almirante Fisher, então 1.º Lord do Mar, para a invasão da Alemanha, pensou-se em utilizar os *Stoops* do typo «Flower», inicialmente planeados para abrirem passagem á expedição, na dragagem de minas, alem de muitos outros e variados serviços que lhes foram designados. Estes navios — das quaes uma unidade visitou o porto de Lisboa após a nossa entrada na guerra e outras, ao que se diz, vão ser adquiridos para a marinha nacional — foram efectivamente aproveitados com vantagem na rocega de minas, mas tendo-se reconhecido que o seu calado de agua era excessivo para aquela missão, que requiere como condição essencial dos navios que a executam o terem pequeno tirante de agua, foi ordenada, em fins de 1915, a construção de 24 navios de rodas calando 8 e 9 1/2 pés.

Os estaleiros ingleses conseguiram realizar as ideas de Almirantado dotando aquela marinha com barcos de 810 Tons., 73 m. de comprido, 15' de velocidade e 7 pés escassos de calado.

Em consequencia dos resultados obtidos na pratica, em Janeiro de 1917 foi mandado augmentar esta classe com mais 8 novos navios. É interessante saber que os draga minas de rodas transportavam 2 hydroplanos, e segundo a opinião do almirante Bacon, prestaram grandes serviços.

Ao mesmo tempo construíram-se outros draga-minas de 2 helices, cujo tirante de agua era ligeiramente superior ao dos de rodas, mas dispondo, em compensação, de maior velocidade. A tonelagem destes era proximadamente egual á dos outros. Deste typo construíram-se a principio 20 navios e mais tarde foram mandados fazer outros em numero de 56, numero que não se chegou a completar antes do armistício.

Apesar de todas as diferentes classes de draga-minas anteriormente indicadas terem sido utilizadas com vantagem, foi a última adoptada a que provou melhor, na opinião do almirante Bacon. Era ella constituida por barcos de pequeno deslocamento (280 Ton.) e pequenissimo calado (3 1/2 pés), o seu comprimento era de 39 metros.

Não obstante terem sido mal recebidos pela critica, que os reputava pouco aptos para aguentarem o mar, as progressivas experiencias a que os submeteram, desmentiram aquellas previsões. Os helices destes navios trabalham dentro de tuneis — e por esta particularidade se tornaram conhecidos — conseguindo-se assim maiores condições de segurança na rocega das minas.

A construção de barcos deste sistema tem constituido uma das mais notaveis especialidades de casa Jarrow, que lhes vem introduzindo ha tempos successivos melhoramentos. A canhoneira «Macau», em serviço na colonia do mesmo nome, é um exemplar muito perfeito dos barcos de helices em tuneis.

Como se vê, a experiencia da guerra veio tornar evidente a necessidade de construir tipos especiaes de navios para a rocega de minas, de muito pequeno calado, e que os vapores de pesca e outros barcos só podem constituir para este efeito recurso de ocasião somente utilizavel na falta de melhores elementos.

## BIBLIOGRAFIA.

## I — LIVROS

## França

- 1 RENÉ Arnal *Considérations sur les ambulances chirurgicales de l'avant. Centre d'intransportables*. Thèse pour obtenir la grade de docteur en médecine. Lyon, impr. éditeur A. Rey, 4, rua Gentil 1919. In-8 83 p.
- 2 DARTEIN (général F. de). *La 56 division au feu. Souvenirs de son commandant, le général F. de Dartein*. De la Woëvre à l'Ourcq, à l'Aisne et à l'Oise, du 1<sup>er</sup> août au 2 octobre 1917. Avec 4 portraits et 6 cartes hors texte. Nancy—Paris—Strasbourg, impr.—libr. éditeurs Berger—Levrault. 1919. In-16, 209 p., portraits et cartes, 4 fr. 80.
- 3 RAYNAL. *Journal du commandant Raynal. Le fort de Vaux*. Paris, Imprimerie de la Bourse de commerce (G. Bureau), 34, rue Jean-Jacques Rousseau; Albin Michel, libraire-éditeur, 22, rue Huyghens. 1919. (8 mai.) 251 p., 4 fr. 50.
- 4 *Correspondance diplomatique et politique relative à la guerre en Afrique*. Rapports du haut commandement. Violation des lois de la guerre par l'emremi. Mâcon, impr. Protat frères. Bruxelles et Paris, G. Van Oest et C.<sup>ie</sup> libr.-éditeurs. 1919. In-8 111 p. et carte.
- 5 *Dans un camps de prisonniers français en Allemagne. Simples récits par une infirmière française*. Préface de M. Etienne Lamy, de l'Académie française. Mayenne, impr. Ch. Colin Paris, Bloud et Gay, éditeurs, 3, rua Garancière, Barcelone, 35, calle del Bruch. 1919. In-16 XXIV. 165 p.
- 6 *Mémorial administratif de la guerre*. Ville de Dijon. Tome III Actes du Gouvernement. Actes des autorités locales. Administration municipale (janvier-décembre 1917). Dijon, imprimerie R. de Thory, 5, rue Docteur-Chaussier, 1918. In-8 814 p.
- 7 (Rev. Père Joseph) RAYMOND, dominicain, professeur de philosophie. *Troc et Epée. Impressions de guerre d'un moirre—officier*. 6<sup>e</sup> mille. Paris. Imprimerie de Vaugirard (H. L. Motti, directeur), 12-13 impasse Ronsin; Société d'éditions artistiques de tourisme et de sports, rue de Vaugirard. 1919. (25 avril.) In-16. 353 p. 4 fr. 50.
- 8 FLUTET (capitaine C.), *Les Nouvelles Allocations temporaires aux petits retraités de l'Etat (loi dn 23 fevrier 1919)*. Petit Manuel à l'usage: 1<sup>o</sup> des retraités (pensions civiles et militaires); 2<sup>o</sup> des militaires et marins réformés de la guerre actuelle; 3<sup>o</sup> des femmes pensionnées de la guerre 1914-1918. Limoges. impr.—libr.-édit. Henri Charles—La-

- vanzelle. Paris, libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain 1919. In-12, 48 p. 75 centimes.
- 9 GABRIEL Hanotaux, de l'Académie française. *Histoire illustré de la guerre de 1914*. Fascicules 105 et 106. Paris, impr. G. de Malherbe et C<sup>ie</sup>, l'Ediction française illustrée (Gounouilhou éditeur), 30, rue de Provence. 1919. Deux fascicules 1 n-4 à 2 col. de 20 p. de texte et d'illustrations. N<sup>o</sup> 105, p. 1 à 20. N<sup>o</sup> 107, p. 21 à 40. Chaque fascicule net, 1 fr.
- 10 GABRIEL Hanotaux, de Académie française. *Idem*. Fascicules 107, 108 et 109. Paris, impr. G. de Malherbe et C<sup>ie</sup>, l'Edition française illustrée (Gounouilhou, éditeur), 30 rue de Provence. 1919. Trois fascicules in-4 à 2 col. de 20 p. de texte et d'illustrations. N<sup>o</sup> 107, p. 41 à 60. N<sup>o</sup> 108, p. 61 à 80, N<sup>o</sup> 109, p. 81 à 100. Chaque fascicule, net, 1 fr.
- 11 JEAN-Bernard. *Histoire générale et anecdotique de la guerre de 1914*. Fascicule 25. Illustrations. Nancy-Paris Strasbourg, impr. et ltr. Berger-Levrault. 1919. In-8 à 2 col., p. 289 à 336. 75 centimes.
- 12 JEAN-Bernard. *Idem*. Fascicule 26.
- 13 GASTON Jollivet. *L'Eposée de Verdun, 1916*. Preface do lieutenant-colonel Rousset-Paris, Imprimerie de Vaugirard (H. L. Motti, directeur) 12 13, impasse Rousin ; libr. Hachette et C<sup>ie</sup>. 79, boul. Saint-Germain, 1918. (25 avril 1919.) In-16, XV-172 p. 4 fr. 50.
- 14 *Description and instructions for the use of hand grenades*. Superseding ordnance Pamphlet n<sup>o</sup> 1741-A, September 28, 1917 and A. E. F. Bulletins Nos. E. W. G. 1 and 2. September 5, 1918. Nine plates. December 10, 1918. Tours, impr. A. Mame et fils ; American expeditionary forces office of the Chief ordnance officer. 1919. In-8, 20 p. et planches.
- 15 ALBERT Despaux, ancien élève de l'Ecole polytechnique. *L'Indemnité de guerre*. Série d'articles parus dans le Supplément économique et financier de «l'Information». I le Coût de la guerre ; II, la Richessa de l'Allemagne ; III, la Capacité de paiement de l'Allemagne ; IV, les Moyens de paiement de l'Allemagne. Paris, impr. Georges Cadet, 7, rue Cadet. 1919. (14 mai) in 8, 109 p. 2 fr.
- 16 *Recrutement de l'armée. Engagements. Commissions*. Volume mis à jour à la date du 25 mars 1919. Limoges, impr.—libr. de la même maison, 124, boulevard Saint-Germain. 1919. In-8, 189 p.

## II — PERIODICOS

### Portugal

- 1 *Anais do Club Militar Naval*, n.<sup>os</sup> 8 e 9 de Agosto e Setembro de 1919. Os filhos da Escola Naval na Grande Guerra. Novo sextante com horizonte artificial. Principios gerais de regulação de tiro. Memorias de Arqueologia naval portuguesa. A avaliação dos navios de comercio. Sintese harmonica de marés e respectiva pratica para a hora dada. As operações costeiras e os progressos da tecnica naval. Biografia.

- 2 *O Instituto*, n.º 10 de Outubro de 1919. Congresso de Bilbao. Discurso de S. M. El-Rei D. Afonso XIII. Discurso do Sr. D. Leopoldo Elizalde, presidente do Comité Central. Discurso inaugural, pelo sr. D. Leonardo Torres Quevedo. Discurso proferido pelo Sr. Dr. Gomes Teixeira, presidente da Associação Portuguesa para o avanço das sciencias. Discurso proferido na sessão de encerramento, pelo Sr. D. José del Prado y Palacio, ministro da Instrução Publica. Discurso Inaugural da Secção de Sciencias Sociais, pelo Ex.<sup>mo</sup> Sr. Visconde de Eza. Discurso proferido na sessão de encerramento pelo Sr. Dr. Costa Lobo, presidente do Instituto de Coimbra. Contribuição para o Estudo do Carbonifero inferior e médio em Portugal; sua comparação com o de Espanha. Justificação da equivalencia adoptada entre intervalos do tempo sideral e do tempo médio.

## Brasil

- 1 *O Tiro de Guerra*, n.º 10 de Outubro de 1919. A Remodelação das Sociedades de Tiro. Os escoteiros de Jahú. Instruções para o campeonato de tiro a realisar-se em 23 de Novembro de 1919. Reorganisação das linhas de tiro. Concurso de tiro de Setembro. Ecos da visita dos escoteiros. Atiradores reêrvistas. Uma festa dos Escoteiros de Jahú. Conhecimentos uteis. Exercito da 2.<sup>a</sup> linha. Etc.
- N.º 11 de Novembro de 1919. A Remodelação das Sociedades de Tiro. Os Escoteiros de Jahú. Taça Flamengo. De Tapes a Pelotas --Um brilhante «raid» executado pela 6.<sup>a</sup> turma do Tiro de Guerra 318. Em Alagoas — A Mulher Lagense offereceu custosa bandeira ao Tiro de Guerra 335. O discurso do Sr. Presidente da Republica no Quartel do 2.º Regimento de Infantaria e, que todos os brasileiros devem ler religiosamente. A proposito dos ferimentos causados pelas balas de calibre reduzido (Couraçadas). Conhecimentos uteis. Etc.
- 2 *Revista dos Militares*, n.º 109 de Julho de 1919. Serviço do Estado Maior. Augmento de vencimentos. Principios de guerra. O novo governo. Discurso. Manual do Infante. A segurança no vôo. Instrucções para sinaleiros. As casas para officiais. Exame de recrutas. Tiros de combate. Alterações no Regulamento de Exercicios para Infantaria. Officiais graduados—Reforma. Assumptos Militares—O R. I. S. G. O perigo da syphilis e das molestias venereas.—Prophilaxia. As patrulhas de cavalaria de uma Divisão. Documentos historicos (Antecedentes da batalha do Rosario) Legislação Militar. Noticiario.
- N.º 110 de Agosto de 1919. 3.<sup>a</sup> Região Militar. A agua de bebiba, molestias que pode ocasionar, meios de purifica-la. A segurança no vôo. Os instrumentos da vitoria—Os esforços da artilharia pesada francesa. Uma conferencia no 2.º Regimento de Infantaria—A missão do Exercito novo. Leitura de cartas (para graduados). Alterações no Regulamento de Exercicios para Infantaria. Descrição de ferramentas de sapa. Assumptos Militares — O R. I. S. G. Legislação Militar. Noticiario.

N.º III de Setembro de 1919. Orçamento do Ministerio da Guerra. Conferencia. Ajuda de custo. Nossas fronteiras—Propriedade de estrangeiros. Numeração dos corpos. Casas e quartéis. As I. S. Um raid. Diarias—Pagamentos. A nossa cavallaria no Paraguay. Cosinheiro—Gratificação. Effeitos dos projecteis de fuzil. Notas sobre a infantaria allemã. Assumptos Militares—O R. I. S. G. Legislação Militar. Noticiario.

## Chile

*Revista de Marina*, n.º 373 de Setembro e Outubro de 1919. El Aniversario Nacional. Nuevas Tablas Náuticas de Altura y Azimut. La Nitroglicerina considerada filosóficamente. Proyecto de especialidades para ingenieros. Calculo practico de la hora y altura de la pleamar. Nuestra hidroaviación. La ecuación de la linea recta aplicada a los movimientos de los cronómetros modernos. Una comparación entre la logistica de los ejércitos e de las escuadras. La Armada aérea. Uso de la Tabla xxxii de Friocourt para encontrar el valor de alfa cuando no se encuentra en la tabla xxx. Notas sobre la prueba Abel. Estudio sobre el sistema de adquisición de carbón segun su poder calorifico y proporción de impurezas. Algunos capitulos del libro del Almirante Jellicoe «The Grand Fleet 1914-1916». Etc.

## Colombia

*Memorial del Estado Mayor del Ejercito de Colombia*, n.º 87 de Setembro de 1919. Alocución del Excelentissimo señor Presidente de la Republica al ejercito. Discurso del señor Ministro de Guerra. Discurso de su excelencia el señor doctor don Demetrio Lossada Dias, enviado extraordinario y ministro plenipotenciario de Venezuela. Discurso del señor mayor Manuel Paris R., designado para llevar la palabra en nombre del ejército y en representación del Estado Mayor General. Batalla de Boyacá -- Sinopsis de la acción conforme a los documentos más autorizados. Bolivar. De Arauca a Nunchia Decreto numero 1667 de 1919, por el cual se crea una condecoración. Condecoraciones militares. La reconstrucción de la batalla de Boyacá. Conceptos de la prensa. Ecos del aniversario colombiano. Aniversario de la independencia de Chile. Bibliografia. En el ejército.

## Cuba

*Boletin del Ejercito*, n.º 45 de Noviembre de 1919. Inventos de iluminación en la gran guerra. La caballeria en la guerra reciente. La Roca del Marne. Nuestra batalla de Argonne. Trabajos de contra-baterias. La derrota del ejército aleman. De la «Gaceta Oficial», Publicaciones recibidas. Bibliografia.

## Espanha

- 1 *Memorial de Caballeria*, n.º 41 de Novembro de 1919. Escalas y edades. A proposito de los caballos españoles con cuernos. Después de la victoria—La Caballeria. Instrucción tactica. Japón: Los aeroplanos y la caballeria en la Guerra europea. Italia : Cronica de las acciones de la Caballerie (continuación). Nuevas orientaciones del plan de estudios teorico-practicos. Tercera división de Caballerie—Segunda brigada: concurso de patrullas de 1919. Cronicas africanas. Las ametralladoras del Regimiento de Victoria en la ocupacion del Fondak de Ain-Yedida. Los fallecidos del Arma. Noticias Militares. Estudio critico sintético de las causas del desastre turco en la guerra balkanica (1912). Etc.
- N.º 42 de Dezembro de 1919. La Caballerie francesa en el primer periodo de la guerra. Pruebas y hechos de resistencia de caballos. Una ójeada por las grandes páginas de la Historia. Raciones preparadas. Colombia : Higiene militar (conclusión). Italia : Cronica de las acciones de la Caballeria (continuación). Real orden dirigida por El Ministerio de la Guerra al de Instrucción publica sobre reforma de la Segunda Enseñanza. Cronicas africanas. Nuestras ametralladoras en Africa. Los fallecidos del Arma. Noticias militares. Estudio critico sintético de las causas del desastre turco en la guerra balkanica (1912). Etc.
- 2 *Memorial de Infanteria*, n.º 95 de Dezembro de 1919. Definitivas y fundamentales enseñanzas de la pasada guerra. Acción de España en Marruecos. Curso de tiro de infanteria en Zaragoza. La infanteria y los tanques. La labor educadora en los regimientos. Concurso de football. Necrologia. Noticias militares. Revista de Revista. Etc.

## Estados Unidos

- 1 *Journal of the United States Artillery*. N.º 159 de Novembro de 1919. Submarine Mines in War. The Second Prize Essay. Competition of 1918—Errors in Coast Artillery Range Finding and Sooting with Particular Reference to the Sinuous Course. Practical Interior Ballistics. (Conclusão). Get Together «All Together—Let's Go!» Infantry Training in the Coast Artillery. Vocational Training—From Another Angle. Professional Notes. Book Reviews. Etc.
- N.º 160 de Dezembro de 1919. Counter-Battery, The Principal Mission of Corps Artillery German Railroad Artillery on the Belgian Coast. An Emergency Switch for Railway Artillery. Charts for the Calculation of the Effect of Small Changes in the Elements of Fire. The Old Order Changesth. Passing the Buck. Colonel Palmer Before the Military Committee. Professional Notes Etc.
- 2 *The International Military Digest*, n.º 5 do vol. 6.º de Novembro de 1919.

### **França**

*Revue Militaire Générale*, n.º 2 de Outubro de 1919. L'armée allemande avant et pendant la guerre 1914-1918. Choses d'artillerie. Opinions allemandes sur la guerre. Dédutions de la guerre mondiale. Chronique. Bibliographie.

### **Italia**

*Rivista di cavalleria*, n.º 11 de Novembro de 1919. Da un Mese all'Altro. 4 Novembro 1919. La Cavalleria nella campayna del 1914 in Francia e nel Belgio. Cronaca degli avvenimenti di guerra dall'agosto 1915. Equitazione militare sportiva. Gare ippiche reggimentali. Parte Ufficiale.

### **Suissa**

*Revue Militaire Suisse*, n.º 12 de Dezembro de 1919. Aux amis de la Revue militaire suisse. A propos de la première bataille de la Marne. Epreuves physiques comme critères de robusticité. Chronique suisse. Chronique des Etats-Unis. Bulletin bibliographique.

